ASSIM DEUS
FALOU AOS
HOMENS

Programa editorial da

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA.

"ENCICLOPÉDIA DE CIÊNCIAS FILOSÓFICAS E SOCIAIS"

de *MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS*

VOLUMES PUBLICADOS:

1) "*Filosofia e Cosmovisão*" — 4.ª ed. — 2) "*Lógica e Dialéctica*" (incluindo a Decadialéctica) — 3.ª ed. — 3) "*Psicologia*" — 3.ª ed. — 4) "*Teoria do Conhecimento*" — 3.ª ed. — 5) "*Ontologia e Cosmologia*" — 2.ª ed. — 6) "*Tratado de Simbólica*" — 7) "*Filosofia da Crise*" (problemática) — 2.ª ed. — 8) "*O Homem perante o Infinito*" (Teologia) — 9) "*Nosologia Geral*" 2.ª ed. — 10) "*Filosofia Concreta*" — 2.ª ed. no prelo. — 11) "*Sociologia Fundamental*" e "*Ética Fundamental*".

NO PRELO:

12) "*Filosofia Concreta dos Valores*".

COLEÇÃO TEXTOS FILOSÓFICOS

Sob a direção de

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

"*Aristóteles e as Mutações*" — Com o texto traduzido e reexposto, acompanhado de comentários, compendiados por *MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS*.

"O Um e o Múltiplo em Platão", de *MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS.*

A Sair:

"Obras completas de Aristóteles" — "Obras completas de Platão" — Acompanhadas de comentários e notas.

COLEÇÃO "OS GRANDES LIVROS":

"Don Quixote de la Mancha", de Miguel Cervantes — ilustrada, com gravuras de Gustavo Doré — 3 vols. enc. — *"Paraíso Perdido"*, de Milton, com ilustrações de Gustave Doré, em 2 vols. — *"Fábulas de La Fontaine"*, com ilustrações de Gustave Doré, em 3 vols.

A Sair:

"A Ilíada", de Homero. *"A Odisséia"*, de Homero. *"A Eneida"*, de Virgílio. *"A Divina Comédia"*, de Dante, com ilustrações de Gustave Doré, em 3 vols. *"Gil Blás de Santilhana"*, de Le Sage, com ilustrações.

ANTOLOGIA DA LITERATURA MUNDIAL:

1) "Antologia de Contos e Novelas de Língua Estrangeira". 2) "Antologia de Contos e Novelas de Língua Estrangeira". 3) "Antologia de Contos e Novelas de Língua Portuguêsa". 4) "Lendas, Fábulas e Apólogos". 5) "Antologia do Pensamen-

to Mundial". 6) "Antologia de Famosos Discuros Brasileiros". 7) "Antologia de Poetas Brasileiros". 8) "Antologia de Poetas Estrangeiros".

Obras de

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

PUBLICADAS:

"Filosofia e Cosmovisão" — 4.ª ed. — *"Lógica e Dialéctica"* — 3.ª ed. — *"Psicologia"* — 3.ª ed. — *"Teoria do Conhecimento"* — (Gnoseologia e Critèriologia) — 3.ª ed. — *"Ontologia e Cosmologia"* — (As ciências do Ser e do Cosmos) — 3.ª ed. — *"O Homem que Foi um Campo de Batalha"* — Prólogo de "Vontade de Potência", ed. Globo — Esgotada — *"Curso de Oratória e Retórica"* — 6.ª ed. — *"O Homem que Nasceu Póstumo"* — (Temas nietzscheanos) — Esgotada — *"Assim Falava Zaratustra"* — Texto de Nietzsche, com análise simbólica — 3.ª ed., no prelo. — *"Técnica do Discurso Moderno"* — 3.ª ed. — *"Se a esfinge falasse..."* — Com o pseudônimo de Dan Andersen — Esgotada — *"Realidade do Homem"* — Com o pseudônimo de Dan Andersen — *"Análise Dialéctica do Marxismo"* — Esgotada — *"Curso de Integração Pessoal"* — (Estudos caracterológicos) — 2.ª ed. — *"Tratado de Economia"* — (Edição mimeogra-

fada) — Esgotada — *"Aristóteles e as Mutações"* — Reexposição analítico-didática do texto aristotélico, acompanhada da crítica dos mais famosos comentaristas. — 2.ª ed. — *"Filosofia da Crise"* — (Problemática filosófica) — 2.ª ed. — *"Tratado de Simbólica"* — *"O Homem perante o Infinito"* (Teologia) — *Noologia Geral"* — 2.ª ed. — *"Filosofia Concreta"* — *"Sociologia Fundamental* e *"Ética Fundamental"* — *"Práticas de Oratória"* — *"O Um e o Múltiplo em Platão"* — *"Assim Deus Falou aos Homens"*.

No Prelo:

* *"A Luta dos Contrários"* — * *"Fábulas e Apólogos"* — * *"Certas subtilezas Humanas"* — * *"Choque dos Símbolos"* — * *"Filosofia Concreta dos Valôres"*.

A Publicar:

* *"Os versos áureos de Pitágoras"* — * *"Pitágoras e o Tema do Número"* — * *"Tratado de Estética"* — * *"Tratado de Esquematologia"* — * *"Teoria Geral das Tensões"* — * *"Dicionário de Filosofia"* — * *"Filosofia e História da Cultura"* — * *"Tratado Decadialéctico de Economia"* — (Reedição ampliada do "Tratado de Economia") — * *"Filosofia da Afirmação e da Negação"* — * *"Temática e proble-*

*mática das Ciências Sociais" — * "As três críticas de Kant" — * "Hegel e a Dialéctica" — * "Dicionário de Símbolos e Sinais" — * "Metodologia Dialéctica" — * "Discursos e Conferências".*

TRADUÇÕES:

* "*Vontade de Potência*, de Nietzsche — * "*Além do Bem e do Mal*", de Nietzsche — * "*Aurora*", de Nietzsche — * "*Diário Íntimo*", de Amiel — * "*Saudação ao Mundo*", de Walt Whitman.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

ASSIM DEUS FALOU AOS HOMENS

E APÓLOGOS E FÁBULAS

LIVRARIA E EDITÔRA LOGOS LTDA

Praça da Sé, 47 — Salas 11 e 12

Fones: 33-3892 e 31-0238

SÃO PAULO

1.ª edição — outubro de 1958

Todos os direitos reservados

ÍNDICE

Págs.

Prefácio 13

Assim Deus Falou aos Homens 19

Apólogos 53

PREFÁCIO

Quando os anos traçam em nossa vida a marca do tempo, volvemos os olhos para o passado e vemo-nos como indivíduos distantes, estranhos e também conhecidos, os muitos que fomos, e que ainda somos, sem os sermos mais.

Aquêle, com aquelas esperanças, aquêle outro com seus ímpetos e sua fé, e, lá, humilhado e impotente, aquêle que não acreditava pudesse vibrar ante uma nova esperança... São tantos, tão diferentes de nós e tão iguais. Êles não nos negam em suas afirmações, contrá-

rias às nossas de hoje, e nos afirmam em suas contradições, porque nelas afirmam sempre a nossa humanidade, que em nós se fêz carne.

E alguns gestos, algumas palavras, algumas atitudes ficam distantes, marcando a nossa passagem.

Podemos acaso desfazer o gesto que fizemos? Ante aquela estrêla no céu, podemos hoje negar o gesto ingênuo daquela mão infantil que se estirou para colhê-la?

Acaso, aquêle ímpeto que aqueceu a nossa carne, podemos destruí-lo, quando já nevam os nossos entusiasmos?

Nunca nos negamos, como os homens de hoje não negam o passado, e em cada momento da história, diferente e outro, o homem não nega o que já foi.

E daquêles nós mesmos que ficam na distância e na penumbra do tempo, restam apenas alguns símbolos: uma memória vaga ou nítida, uma frase, um gesto ou algumas palavras escritas.

Leitor amigo, que olhando em ti mesmo me compreenderás, recebe estas páginas que foram minhas e ainda o são, porque não me atraiçoam, e me afirmam. Se hoje, muitas afastam-se de meu pensamento, acredita que as pensei com entusiasmo e vida, pois nelas há muito do meu sangue.

Talvez nelas te encontres muitas vêzes, pois tu és como eu. Nelas te encontrarás como eu me encontro em ti. Não as recuses quando não as sentires. Acredita sempre que foram sinceras e escritas com tôda a lealdade.

E hoje ao relê-las, vejo, nelas, o germe de muitas das minhas idéias e também a razão de muitas de minhas ações. Não quis modificá-las, nem retocá-las. São pensamentos que me animaram durante quinze anos de vida tão intercalada de máguas, de alegrias, de incompreensão, mas também de gestos amigos e afectuosos. Há por entre elas o traço de cada um dêsses momentos, a côr viva de alegria ou a leve penumbra de uma decepção.

Como símbolos, testemunham mais do que poderia fazer um diário, onde a intencionalidade desvirtuaria o que veio espontâneo do coração.

Podes aplaudi-las ou rejeitá-las. O aplauso, nunca o pedi a ninguém. O repúdio sempre soube compreender. Portanto, nada de ti poderá ser-me uma surpreza.

Se nelas te encontrares, estaremos juntos, pois nunca nos separamos, até quando seguimos caminhos diferentes. Levo em mim, como tu, a nossa pobre humanidade.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS.

ASSIM DEUS
FALOU AOS
HOMENS

Já haviam despertado as trevas para os lados do nascente.

E despertei porque abri os olhos para a luz da manhã.

O silêncio dominava tôdas as coisas como se elas permanecessem ainda adormecidas.

Na paz do campo, deveria ferir os meus ouvidos a clarinada de um galo, e um canto de pássaro não me surpreenderia.

Surpreendia-me o silêncio; silêncio que me penetrava e me pesava nas pálpebras.

Acordei quando soaram as trombetas do Senhor. Uma brisa suave embalava tôdas as coisas e mansamente acariciava o meu corpo porque despertei sem sobressaltos.

Eu também ressuscitava, e vi.

E vi que o verde dos campos era mais aveludado. No céu, um azul muito lavado, longínquo, matizado de um leve côr-de-rosa, permitia aos meus olhos penetrarem distâncias sem fim.

Não era mais uma cúpula empoeirada de luz, e tudo me parecia estranho; porque era tão diáfano, tão profundo, que não havia mais distâncias para os meus olhos.

Por que, por que era tão diferente o mundo?

É que já haviam soado as trombetas do Senhor.

E de todos os horizontes, um rumor veio até mim. Eram vozes que entoavam hinos.

E cercavam-me milhões e milhões de sêres como eu, e todos volviam os olhos para aquela voz luminosa que atravessava tôdas as distâncias e nos aproximava do infinito.

Nunca poderei descrever o que senti ante aquela imensa luz que escurecia a luz do sol. Senti invadir-me um frio agradável que não me enregelava.

E havia côres inéditas para os meus olhos. E ouvi um som maravilhoso, ante os quais, o que valeriam os sons harmoniosos de um nobre violino?

E não me sobressaltei, quando aquela luz imensa falou:

— Homem, chegou o tempo dos tempos, e estás nos umbrais da Eternidade. Eu sou a Eternidade...

Ante o Senhor, eu deveria ter caído de joelhos. Deveria, humilde, elevar até êle os braços, e pedir-lhe piedade.

Eu estava alí para ser julgado, pois soara o Juízo Final.

Mas a voz do Senhor tornou a falar:

— Homem, não deves temer a Eternidade. Não quero de ti o gesto de quem pede. Nunca dos teus lábios deveriam ter saído as palavras dos que pedem, nem os lamentos dos queixosos da vida.

Se em vez de pedir, tivesses tomado da vida o que precisavas, não estarias agora tremendo na minha presença.

O meu interrogatório será breve e rápida a minha sentença. Em ti eu julgarei todos os teus semelhantes.

Por que não acreditaste na minha verdade?

Não acreditaste por ser simples e clara! Sempre temeste a simplicidade, e a minha verdade era a simplicidade...

Não sentiste a suavidade do verão percorrer a tua pele? Não sentiste em tua alma as fôlhas sêcas que

caem no outono? Não sentiste nas tuas carnes os frios do inverno?

Não reverdesceste com o mundo nas promessas da primavera?

Tinhas, na alma, tôdas as almas do mundo. Se tudo isso tivesses compreendido, terias vencido a morte! E por que não o compreendeste?

— Senhor...

— Não precisas responder. Eu sei a tua resposta. Ouve-me: Disseste um dia que os fenômenos no mundo se processavam de acôrdo com as leis da natureza. E estavas com a verdade. E por que não concordaste que havia uma ética na natureza, cujos fenômenos observam a regularidade de certas leis?... Por que criaste uma ética que negava a natureza? Ouve! Os poderosos chamaram bons aos poderosos; os humildes, aos humildes; os corajosos,

aos corajosos; e os fracos, aos fracos. Todos os teus semelhantes se consideravam bons. E por que não foram bons?

Quando impotente, inventaste a complacência; quando te abaixavas, cheio de temor, chamaste humildade; quando te sujeitavas ao forte, a quem temias, chamavas obediência; como não podias vencê-lo, falavas em perdão.

Por que usaste do meu nome para justificar as tuas fraquezas?

Só por temeres os fortes aceitaste o amor ao próximo.

Quão poucas vêzes conheceste o amor, porque êle muitas vêzes era feito de mêdo. Mas outros nomes deste aos teus sentimentos, mascarando-os, para que os poderosos não compreendessem o teu ódio.

Fizeste do mundo um cárcere, e investaste filosofias de carcereiro.

Não disseste muitas vêzes que a vida não merecia ser vivida?

E por que? Porque te acovardavas ante a existência.

Por que criaste uma moral de vencido? Por que, em vez de construires o teu mundo, viveste a imaginar outros que julgavas melhores?

— Senhor, tu és absoluto e podes compreender o porquê da minha fraqueza...

— É por isso que te falo. E ouve: detesta os que conduzem e os que seguem. É mister que inspires a ti mesmo a grande emoção capaz de inspirar os outros. É uma traição a ti mesmo quereres conduzir o teu próprio eu. Deves conquistar-te pela tua própria fascinação.

Afirma-te pela natureza. E se assim o fizeres, os teus olhos verão melhor, e ouvirão os teus ouvidos além dos teus ouvidos.

Procura na natureza as regras

para a tua vida. Não destruas a ti próprio ao te encadeares nas algemas que criaste.

Chegaste agora aos umbrais da Eternidade.

Ouve!:

Foi o teu mêdo que criou a imagem que de mim fizeste.

Os teus filósofos descreveram-me como um monstro de sabedoria; os teus ascetas, como um infinito de ascetismo; os teus poetas, como o mais lírico dos poetas, os teus fracos, como o extremo da complacência.

Em mim espelhaste sempre as tuas ausências desejadas.

No entanto, na vida com que animei o teu corpo, estava escrito o meu caminho. Só êle poderia levar-te até mim.

Mas outros caminhos preferiste buscar. Procuraste engrandecer a tua pequenez, e a atribuistes a mim.

E porque era mesquinha a tua interpretação, acusaste-me dos teus erros e procuraste destruir-me.

Vou expor-te a imagem que tu, de mim, um dia fizeste. Segundo a tua interpretação, eu percorri sòzinho a imensidade do infinito, através do infinito do tempo. Ninguém me acompanhava nessa peregrinação eterna. Sòzinho, buscava através da imensidão de mim mesmo, a da minha obra.

O teu aplauso chegava até mim tão ínfimo como se areias do deserto aplaudissem a arquitetura de tuas cidades. Sabes acaso o que sofre um ser que não recebe o aplauso de alguém que a êle se assemelhe? E tu, homem, tu que te queixas da tua infelicidade, podes encontrar o aplauso dos teus semelhantes.

Vives ombreando com teus pares. Para a tua vida, para chorar as tuas lágrimas, para rir contigo as tuas

alegrias, para sofrer, compartilhando a tua dor, tens a companheira que eu te dei.

E eu, eternamente sòzinho por entre a imensidão de mim mesmo, estou só na minha glória.

Não há para mim montanhas que atravessar, rios que vadear, sombras que iluminar, mistérios que decifrar.

Não preciso conhecer a fruição das descobertas, o sacrifício agridoce dos que perdem as noites no estudo em busca do conhecimento, por que sou Deus, e conheço tudo, e as trevas, para mim, são luz; as montanhas são rugas do meu caminho e os rios, veios mesquinhos que nada significam.

Tu proclamas o meu poder absoluto. Tu o declaras por teus sábios e pelos teus filósofos, e, no entanto, queres fazer-me limitado na minha grandeza.

Nunca compreendeste o meu amor, como se apenas pudesse amar um ser infinito como eu. Querias que eu permanecesse eternamente na contemplação de mim mesmo, e a embriagar-me da minha própria contemplação e no amor do meu próprio amor. É que te afastavas de mim com o coração, e pensavas que era eu que me afastava de ti.

Quando criaste regimes autocráticos me descreveste como um autocrata; quando construíste regimes democráticos; fizeste-me um Deus bondoso; quando guerreiro e odiento, fizeste-me um Deus odiento e guerreiro. Construiste a minha imagem à tua imagem, assim como outras vêzes julgaste que a tua era a minha imagem. Querias fazer de mim um impotente ao afirmar que eu não podia fazer o mal nem o nada, como se não fôsse o mal e o nada obras da impotência e não do

poder absoluto. Unilateral sempre em tuas concepções, nunca te foi possível compreender os matizes dos meus atributos.

Não precisavas ser um deus para entendê-los. Tu, relativo e condicionado, querias ser a imagem do absoluto e do infinito. Desejavas, assim, iludir a tua limitação, insinuando a ti mesmo, às tuas intuições, à tua razão, para que se voltasse contra ti, contra tua condicionalidade, que eras um deus, mas desterrado. Criaste a lenda de Pigmalião para atirar sôbre a divindade a infâmia de uma dúvida.

Tu me ofendestes com a imagem que de mim criaste. Foste sempre a medida de tôdas as tuas coisas.

Mas há em teu orgulho alguma coisa de heróico, quando, nesse orgulho, existe um desejo de me alcançar.

Admiro sempre aquêles que bus-

cam elevar-se de seu ponto de partida. Mas sempre desprezei aquêles que estabelecem um estreito ponto de chegada.

Deves, homem, criar para ti um ponto de partida e nunca um ponto de chegada.

Faze de mim um ponto de chegada e faze de ti um ponto de partida. Como homem, busca superar-te. Aquêles que te envenenaram com a loucura de atingir os fins, como se os fins existissem antes de mim, tornaram-te difícil a descoberta do caminho. Avança além de ti mesmo. A tua felicidade não é apenas o bem-estar, mas em sempre te aproximares de mim. E em cada instante do tempo, em cada uma das tuas vitórias, sentirás a felicidade da tua conquista.

Como queres achar-me, se tu ainda nem te encontraste?

Eu te ensino o novo caminho: eu

sou a definitividade sem fim. Buscar-me é o teu caminho. Eu estou em cada uma das tuas conquistas, e em cada uma das tuas vitórias, e estou contigo em cada uma das tuas superaçoes.

E cada instante que venceres a ti mesmo, em cada momento que deres um passo à frente, estarás mais próximo de mim.

Estarei ao teu lado quando amares, para que a tua afeição seja mais profunda; estarei ao teu lado quando chorares, para que a tua dor não te desespere. Tu me terás ao teu lado em cada uma das tuas vitórias, porque eu sou a tua vitória.

Busca-*te* que *me* acharás.

Ouve o meu novo sermão da Montanha:

1 — Um dia, os homens hão de amar novamente o sol. Há homens que o odeiam, porque lhes anuncia o trabalho fatigante

A noite, para êles, tem um gôsto de libertação! Terrível espetáculo o de um mundo assim!

Quando os homens voltarem aos seus lares com o peito alevantado, o rosto modelado por um sorriso, hão de amar novamente o sol...

2 — Não me afirmam os que me afirmam em palavras; nem me negam os que em palavras me negam.

Negam-me os que me negam em actos, embora me afirmem em palavras.

Eu sou aquêle pai que se ofende quando os filhos o renegam pelos actos

3 — Tornaste o amor pecaminoso. Dei-te o amor, para que êle te embelezasse a vida. Dei-te o céu nas menores coisas e tu o desprezaste, porque êle vinha nas menores coisas. Dei-te o amor, junto à tua carne e junto ao teu espírito, para que suavizasse os teus instintos. Tu

o chamaste pecaminoso. Fizeste de mim um monstro assexual, para clamar contra a miséria do teu sexo. Em verdade eu te digo: o amor dos sexos também é divino, quando une os homens além de si mesmos. O amor ergue-os e os une além do tempo. Nega-se a si próprio, e nega a mim, aquêle que nega o sexo.

Em verdade te digo: só as almas superiores sabem amar, e bemaventurados os que amam porque êles conhecerão o reino dos céus!

— Observa os teus semelhantes. São mais desembaraçados para amaldiçoar do que para agradecer. Quando amaldiçoam, as frases saem rápidas, vivas, fluentes.

Mas as palavras são difíceis; torcem as mãos, e humildes, como vencidos, baixam a cabeça, sorriem temerosos, entre a tristeza e a alegria, quando agradecem, revelando uma terrível luta interior...

5 — Já disse um dos teus:

"Não é o amor ao próximo que salva os náufragos, e sim a coragem!" Que adiantaria o amor ao próximo de quem não pode tornar efectivo êsse amor? Deves cultivar a coragem, a coragem ante a dor, a coragem ante o sofrimento, a coragem ante a alegria, a coragem ante o prazer, a coragem, altiva e nobre, em cada um dos teus momentos.

Só depois aprenderás a amar o teu próximo

Só os corajosos sabem dar. Não conhecem o sofrimento surdo de sua benevolência; pois o covarde, quando dá, procede por temor do castigo divino ou por temor dos outros homens, ou por astúcia, no intuito de receber uma paga maior que a dádiva. O corajoso dará sem temores.

E, em verdade te digo, bem-aventurados os corajosos porque dêles será o reino dos céus!

6 — Cuida-te daquêles que olham a vida com um olhar de sono. Tu sempre dormirás bem quando fores tu mesmo. Quando negares a ti mesmo, teu sono interrogar-te-á. As tuas angústias serão livres e não uivarão na tua alma. Mas, para libertá-las, não taparás os ouvidos, afim de não ouvi-las, nem delas fugirás para fugires à presença que te desgosta.

Deves levantar-te com um sorriso, porque todo acordar é uma ressurreição.

Bemaventurados os que sorriem, porque dêles será o reino dos céus!

7 — Se na hora da fortuna esqueces os teus amigos, como queres que se lembrem de ti na hora da amargura?

8 — Aquêle que deseja a felicidade sem o esfôrço, é como o que atira fora a noz porque dura é a casca...

9 — A mãe ama o filho porque

sofre para lhe dar a vida e para conservá-la. Tudo quando fàcilmente obtens, tens perdido. As dores, as lágrimas, as dificuldades foram a medida de valor de tôdas as tuas coisas.

10 — Virtuoso não é o que faz o bem porque teme o castigo; virtuoso não é o que pratica o bem porque será premiado; virtuoso não é o que realiza o bem porque não tem propensão para o mal. Virtuoso é o tenaz, é o forte, é o que vence, é o que executa a sua vontade, é o que dirige os seus impulsos, é o que estabelece um ideal, e o busca

É o delicado para com os fracos, enérgico para com os covardes, humilde para com as crianças, digno para consigo próprio.

11 — Homem, um dia cansaste de crer. Tantas foram as mentiras daquêles que falaram em meu nome, que fechaste os ouvidos a tôdas

as vozes que anunciavam um "além de ti mesmo".

Mas, quando sofres o desejo de um impossível; quando não consegues vencer a dificuldade que pensaste superar, quando uma insatisfação te oprime o peito e te arranca um suspiro, podes conformar-te com a tua morte. Podes ter um sorriso estóico e indiferente. Mas dentro de ti uma voz clamará, e precisarás amordaçá-la. E por que nesses momentos não interrogas a ti próprio, se existe, em ti ou não, o que clama contra a falta, o que pede para vencer as tuas derrotas?

Não ouviste essa voz?

Sou eu, em ti, que falo, e por que não me queres ouvir?

12 — Como encontrarás o sobrenatural se tu nem siquer soubeste encontrar a natureza?

13 — Quantos actos de bondade

deixarias de realizar se não tivessem testemunhas?

14 — Rebelam-se contra as regras os que não podem cumprí-las. A virtude só é grande quando difícil.

15 — Não conduzas e não serás conduzido.

Deves temer até conduzir a ti próprio. Perde-te em tua própria floresta para que te aches. E empreende a tua busca como quem faz uma conquista.

Bemaventurados os que conquistam a si mesmos, porque dêles será o reino dos céus.

16 — O que recebe, louva sempre o desinterêsse de quem dá.

Os que nada pedem à vida, os que não se queixam da vida, os que não se cansam de buscar, têm sempre um gesto desdenhoso quando acham, quando obtêm, quando sofrem.

Chamaste de verdadeiro tudo

quanto te foi útil, tudo quanto correspondeu aos teus desejos. Ao vento que saculeja a árvore e atira ao chão a fruta madura, para que tu a apanhes sem esfôrço, chamaste de bom...

Não precisarei dizer mais para mostrar quão mesquinho é o teu conceito do verdadeiro, do bom, do útil?

17 — Se o mundo não te fôr cada dia diferente é que tens a morte dentro de ti.

Bemaventurados os que trazem dentro de si a vida, porque dêles será o reino dos céus!

18 — A virtude dos pessegueiros são os pêssegos. A virtude dos mares o serem imensos; dos tigres, a crueldade; e a astúcia, a das raposas. Só tu julgaste que a virtude não consistia em ser instintivamente humano!

Em verdade te digo:

Bemaventurados os que não se negam, porque dêles será o reino dos céus

19 — Quão infeliz terias sido, se um dia eu te tirasse o esquecimento!

20 — Chamaste grandes aos que não pecam por temor do castigo, da consciência ou do remorso. Como chamarias àqueles que não pecam porque não querem?

Bemaventurados os que não pecam porque não querem, porque dêles será o reino dos céus!

21 — A rã não acredita num mais além dos horizontes...

Por que tu não vais acreditar num mais além dos teus horizontes?

22 — Tu agradeces a vida quando te fazem um bem? Então por que te queixas da vida quando te fazem um mal?

23 — Que seria de ti se não houvesse os que amam o perigo. Quem atravessaria os mares, as terras des-

conhecidas, quem galgaria os cumes das montanhas? Quem se aprofundaria nas entranhas da terra? Quem devassaria os espaços e quem penetraria nas selvas do conhecimento em busca de novas verdades?

Quem se entregaria ao afã das descobertas, no silêncio impregnado de mistério dos laboratórios, se não houvesse os que amam o perigo?

Em verdade te digo:

Bemaventurados os que amam o perigo, porque dêles será o reino dos céus!

24 — Bemditos os miseráveis que guardam para si as suas misérias.

25 — Um olhar de eternidade, homem é o que careces para a altivez de teus olhos!

26 — A bondade manifesta-se no imprevisto da generosidade.

Só podem dar os que têm. E quem tem é mais do que si próprio. Deves, por isso, amar o "além de ti mesmo",

para poderes conhecer a felicidade de quem dá.

Em verdade te digo:

Bemaventurados os que vão além de si mesmos, por que dêles será o reino dos céus.

27 — Não tenho virtudes, porque sou quem sou.

Virtuoso é só quem vence os seus defeitos, e eu não os tenho. É fácil ser bom quando a bondade é agradável, e eu não admiro os justos que não podem ser injustos.

Quero-te como és, mas vencedor de ti mesmo, porque em verdade te digo:

Bemaventurados os vencedores, porque dêles será o reino dos céus.

Enganam-se que me servem os que sacrificam a vida para me servir; enganam-se que me amam, os que odeiam os outros para amar-me; enganam-se que me honram,

os que buscam a solidão para me encontrarem...

Nunca pedi dêsses servidores, pois não seria Deus se dêles carecesse.

Eu sou a Eternidade. Volta para junto dos teus semelhantes e repete-lhes estas palavras que traduzí na imperfeição da tua língua: "Quiseste um mundo melhor do que aquêle que te dei. Dizes saber como deveria ser êsse mundo; proclamaste até que feito por ti, êle seria melhor.

Se sabes construir a felicidade, por que não a constróis?

Não conheces acaso as leis do teu mundo? Não dominaste as distâncias? Não acorrentaste o raio e tornaste inofensivo o trovão? Não soubeste arrancar do seio da terra o alimento para os teus? Não construíste cidades imensas de cimento e de aço? Não tiraste do âmago da terra a fôrça que te poupa o esfôrço?

Não aumentaste no decorrer de séculos o teu poder mil vêzes mais? Por que não realizas o teu mundo? Por que não fazes a tua Terra Prometida em vez do "meu vale de Lágrimas"? Não te consideras inteligente, poderoso, forte? Pois mostra a tua fôrça, o teu poder, a tua inteligência.

É, pelo menor esfôrço que desejas que eu, como um dos teus mágicos, transforme as coisas num golpe de mágica.

Queres ter à tua mão o fruto que não colheste. Não, homem! Conquista por ti próprio o mundo que desejas. Dar-lhe-ás depois, quanto mais lágrimas e mais dor êle te exigir, mais valor pelo que te custou! Não destruirei a minha obra tornando a ti, poeira de uma poeira, maior do que mereces. Dei-te a inteligência para poderes vencer em tua luta. Que fizeste dela? Por que

não a usaste para o bem? Cansaste agora de usufruir o teu poder, e como temes os mais fortes do que tu, pedes-me que os torne iguais a ti.

Se eu fizesse o mundo como desejas, sentir-te-ias mais infeliz do que és hoje porque te cansarias logo da tua felicidade. Dize ainda aos teus semelhantes estas minhas últimas palavras:

Homem, voltarás a ser tu mesmo, e imprescritìvelmente viverás a tua vida. E continuarás comendo o pão com o suor do teu rosto. O imensamente grande e o imensamente pequeno da tua vida tornarás a vivê-los.

Cada sofrimento e cada alegria tua hão-de encher de lágrimas outra vez os teus olhos e fazer sofrer o teu peito e hão-de outra vez desabrochar o sorriso do teu rosto e aprofundar a tua respiração. E, as-

sim, imprescritìvelmente... E terás outra vez o sol que admirarás e adorarás, porque êle carregará de frutos maduros as árvores que plantares, e de calor o teu corpo que tremerá nas noites frias. Outra vez a lua há de empalidecer nas noites escuras e sugerirá a eclosão dos teus sentimentos e dos teus afectos. Outra vez ouvirás o ritmo das horas que passam, marcando o teu tempo. E admirarás os campos soltos, as manhãs claras, cheias de luz e de vozes de pássaros, e terás as sugestões misteriosas que se esconderão nas sombras das noites sem luz, outra vez...

Homem, vive e compreende o teu destino. E verás, então, que, mais uma vez, há-de desabrochar no teu rosto o sorriso da alegria que procuras, e há-de doer menos o teu peito.

Ouve: que o sofrimento não seja para sempre a tua preocupação. É mister que o vejas em função da tua alegria. Não rirá nunca o teu rosto, antes que se tenha um dia retorcido pela dor.

Só poderás gozar a felicidade da incerteza quando compreenderes ser a dor a antecâmara da alegria. Ama a contradição de tua vida, porque ela afirma. Não modeles a tua existência na estreiteza dos sonhos da tua fantasia nem da tua realidade.

Nega os fatalismos para afirmar o teu querer. Lembra-te que há destinos que se forjam, como tu forjas as tuas espadas. Careces da consciência da tua fôrça e não temas usá-la. Só assim te elevarás acima de ti. Acreditaste no fim, porque viste o fim das coisas, e elas se transformam.

Acredita na tua eternidade, e já terás com isso conseguido superar um pouco a tua limitação

Que as minhas palavras te sirvam para o futuro. Falei-te com a simplicidade de tua língua, e espero não mais ouvir as tuas queixas que aborrecem os meus celestiais ouvidos!

Tôdas as imagens que de mim criaste tornam-se ridículas e ofensivas. Não criticarei a tua maneira de me conceber. Não sou o Deus que exige a cada instante um sacrifício, que, a cada momento, quer os teus pensamentos voltados para mim. Não seria Deus se carecesse de sacrifícios para poder aplacar a minha ira, nem me ofendo por procurares descobrir quem sou. Em cada uma das tuas épocas terás de mim uma definição, e esta nunca te há-de satisfazer. Mas ouve: precisamente porisso deves te alegrar.

Farás de mim, tantas imagens, quantos os teus instantes, na vida. Em vez de me definires, ensinar-te-ei a maneira de me encontrares. Busca-me... É nessa busca que me terás ao teu lado. Quando me atingirás? Que te interessa saber o quando, se mal iniciaste a jornada? Põe-te a caminho. Realiza a ti mesmo, sempre além de ti mesmo. Com isto te aproximarás de mim. Eu estarei, em tôdas as épocas, sempre distante, eu serei o teu ideal. Em vez de procurares transformar-me em ti, homem, transforma-te em mim.

Não me definirás mais pelas tuas qualidades, mas procurarás a tua definição pelos meus atributos. É êsse o caminho que indico, e que te levará até mim. Vai!

APÓLOGOS

AS PÉTALAS DA FLOR

Tentaram outra vez os deuses dar ao homem a visão da verdade, e escolheram simbolizá-la numa flor de pétalas multicôres e harmoniosas.

— Toma — disse o mensageiro a um homem escolhido — os deuses te concederam a verdade. Olha a beleza desta flor. Vê como são lindas as côres destas pétalas e como são harmoniosas as suas linhas, e que embriagador o perfume que elas exalam.

Olhos maravilhados, o homem admirava a flor que esplendia de beleza.

E todos os dias, aquêle homem, vinha, durante horas e horas, contemplar a flor, sempre viva, sempre refulgente, cujo perfume embalsamava o ar.

Mas passaram-se dias, e com êles vieram os zéfiros das tardes e as frias virações das madrugadas. E vieram ventos mórbidos, tempestades e furacões. E foi durante êsse tempo que o homem, conhecedor da flor da verdade, por fôrça do seu destino e das suas condições, afastara-se tão longe dali, à busca de caça, que, quando voltou, encontrou apenas a haste da flor. Os ventos haviam arrancado as pétalas e as havia levado esparsas para longe.

Já não poderia contemplar mais a flor maravilhosa. Mas, aos filhos, aos netos, contou a história da flor, cujas pétalas o vento impio havia desfolhado, levando-as para todos os recantos do mundo.

Desde então, todos os homens procuram encontrar, no galho sêco da árvore, a flor da verdade. E como essa história foi transmitida de pais para filhos, de gerações a gerações, todos sabem que existe a flor da verdade, e querem vê-la refulgente no galho sêco. Foi por isso que um sábio grego, de nome Platão, dizia que todos temos reminiscências da verdade. Sim, temos a reminiscência dessa história contada por nossos antepassados, e são êles que sempre, através dos nossos ímpetos, interrogam e querem ver a verdade, tão longe de nós.

Um dia, um homem, cansado de procurar nos galhos secos a flor maravilhosa, pôs-se a dizer:

— Ó deuses, por que permitistes que se desfolhassem as pétalas de tão magnífica flor? Por que não nos permitis que, outra vez, contemplemos a verdade?

E era tão angustiado e tão sincero aquêle apêlo que, sùbitamente, surgiu ao lado do homem, o mesmo mensageiro dos deuses que outrora trouxera a flor maravilhosa — e disse:

— Quando trouxe para um dos teus antepassados a flor da verdade, não era para que êle apenas a contemplasse, mas para que a conservasse, e para que lhe prestasse tôda homenagem e respeito. O seu descuido fêz os descendentes perderem o maior bem que os deuses haviam concedido aos homens.

— Ó deuses —exclamou o novo homem — por que somos culpados dos erros do passado? Dai-nos novamente a flor, e prometo-vos que eu, como os meus irmãos, tudo faremos para conservá-la.

O mensageiro, do alto da sua dignidade, sem volver os olhos, disse:

— Pois bem. Tu a terás. Mas de-

pende apenas de ti. Vai pelo mundo, e junta uma por uma as pétalas que estão espargidas por tôdas as coisas. Junta-as, e traze-as aqui, e eu lhes darei novamente a vida, e a flor há de resplandecer aos teus olhos.

— Mas, senhor, essas pétalas estão esparsas pelo mundo?

— Sim, há em tôdas as coisas uma pétala da verdade, por isso em tudo há um pouco de verdade. Junta tôdas elas, e a verdade há de transparecer aos teus olhos em tôda a sua magnificência.

O FILÓSOFO E A MAÇÃ

Assim expunha um filósofo a sua teoria do conhecimento aos alunos que o ouviam respeitosamente: "A existência da coisa em si é falaciosa...Conhecemos as côres, porém não conhecemos o amarelo, o verde, o encarnado. Nós vemos coisas amarelas, verdes ou encarnadas. Ouvimos sons e não ouvimos o som puro. Das coisas, eu só tenho o conhecimento que os sentidos me dão. Não posso crer em nada, fora de mim, porque a única fonte de conhecimento sou eu mesmo. E assim cada um também pode pensar. O solipsimo, que admite só a si mes-

mo, é a única doutrina que existe com cunho de verdade. As outras não resistem a uma crítica. A única verdade é a minha interior. Eu sou a verdade; eu mesmo. Não posso crer nada existente fora de mim, porque só tem existência o que existe em mim.

A coisa em si não existe..."

E ao terminar a conferência seguiu para casa, acompanhado dos discípulos. Ao chegar, o filósofo dirigiu-se para a sala de estudo, desejoso de comer uma das quatro maçãs que havia deixado sôbre a mesa.

Mas viu, com espanto, que só existia uma. Ninguém havia entrado na sala a não ser êle, e alguns dos discípulos.

— Onde estão as outras três maçãs que deixei aqui?

Os discípulos entreolharam-se. Um dêles, serenamente respondeu:

— Caro mestre, não compreendo o que quereis dizer?

— Deixei em cima desta mesa quatro maçãs e, agora, só encontro uma. Onde estão as outras? Alguém as tirou?

— Mas, caro mestre, como podeis afirmar que existissem quatro maçãs, quando a coisa em si não existe? Quem nos pode afirmar ou negar que não tenha sido uma ilusão dos sentidos. Lembrai-vos de vossa magistral lição de hoje..."

O mestre olhou para a maçã que restava, apertou-a entre os dedos, e pôs-se a comê-la, enquanto, franzindo os olhos disse:

— Tens razão...

E fitou friamente o discípulo fiel...

ORIGINALIDADE

Um homem procurou um feiticeiro, e disse-lhe:

— Dou-te uma moeda de ouro, se me deres o que te vou pedir...

— Pede.

— Sou escritor...

— Já sei... Adiante.

— Desejo, por isso, ser original. Que devo fazer?

— É simples. Toma das mesmas velhas idéias que os homens já pensaram e já disseram, através das mais antigas literaturas, e põe-nas outra vez em circulação.

— ...mas isso não é originalidade. Não é o que te peço. Não ganharás a moeda de ouro.

— Espera! Tua ansiedade me ofende. Ouve: as mesmas idéias, os mesmos pensamentos, tu os tornarás a dizer. Tu, como todos, nada mais escreves senão o já pensado, e o já exposto. Não julgues que o homem é um filão inextinguível. Mas tu porás nessas idéias, nesses pensamentos, outras palavras, e lhes darás um outro nome, um nome novo, inaudito, inesperado, sonoro, estranho, que provoque, em quem leia, a mesma imagem, mas que lhe deixe um arrepio de espanto, de susto, de inesperado. Reconhecer-te-ão original... Anda, dá-me, agora, a moeda de ouro que me prometeste!

CASTIGO

Um dia os deuses quiseram castigar um homem.

— Qual o maior castigo que lhe poderemos dar? — Perguntou um dêles. E outro respondeu.

— Que êle veja tôdas as coisas como as coisas são.

INSATISFEITO

Durante quarenta e cinco anos, êle percorrera a literatura, a história, a ciência. Devorara livros, visitara museus, cidades e países, e privara com intelectuais, artistas, políticos... Longas meditações com doutores da igreja haviam-lhe enchido horas e horas descuidadas. Aos milhares, somavam-se os livros de sua biblioteca e uma avidez insopitável pelo conhecimento o angustiava. Quando desejava estudar algum tema novo, adquiria dezenas e dezenas de obras, entregava-se, dia e noite, ao exame minucioso dos tratados. Tudo queria saber, tudo

precisava saber. Envelhecera muito, cabelos brancos, e óculos escuros cobriam os olhos cansados. A cabeça tombara sôbre o peito magro, e as mãos finas eram ágeis de tanto mover as fôlhas dos livros.

Um dia adoeceu. Na cama, cercava-se de livros, os amigos e companheiros de tantos dias e de tantas horas. Mas o médico proibiu-o de ler. Liam-lhe, então. Era um recurso insuficiente. Já não seria mais o mesmo; também nada mais seria o mesmo. Afundava-se na cama, desfazia-se em suspiros leves, numa tosse frágil, temeroso de interromper a leitura que lhe murmuravam ao ouvido.

Um dia sentiu-se morrer. No fundo da cama, a voz também perdera-se quase. Era um leve tremer de lábios, um balbucio imperceptível, mas levantou a mão descarnada ao amigo que lhe lera tantos livros.

Um dedo magro, fino, esguio, apontava-lhe curvo. Gemeu:

— Vou morrer... por favor... procura-me a enciclopédia... outro dia, lembro-me, citaste um nome... Lobineau... êsse nome... muitas vêzes veio-me à mente... vê... vê... depressa...

O amigo correu rápido à biblioteca e não demorou muito. Leu-lhe baixo, ao ouvido:

— Lobineau... Guy-Alexis Lobineau... historiador francês, nascido em 1666, em Rennes, morto em 1727...

— que mais... — a voz era longínqua.

— ...Era beneditino. Escreveu a "História da Bretanha" e defendeu a teoria de que os bretões jamais haviam reconhecido a soberania da França...

— ...que mais? — a voz era longínqua.

— É só.

— ...e refutaram... dize... refutaram... a teoria?... — era um sôpro.

— ...não sei... como poderei saber agora?... não sei...

— ...morrerei... — uma placidez gelava-lhe o rosto. — Morrerei sem saber... se refutaram... ou não?!... — Os braços pendiam inertes, o rosto estava imóvel, os lábios mal se moviam — Que pena!... que pena!...

Na palidez do rosto, dois olhos brilhantes, com êsse brilho estranho da morte, vidrados, fixos, distantes, continuavam interrogando, interrogando, interrogando...

OS DOIS FILÓSOFOS

Resolveram uns sábios homenagear um filósofo, cuja doutrina era eivada de erros, o que provocou o protesto de outro filósofo, que exclamou:

— Por que vós desprezais a mim, que disse verdades, e preferis êste, que tantos erros pregou para tortura dos estudiosos?

Êles sorriram entre si, e um dêles, com displicência, apenas pronunciou estas palavras junto ao ouvido do que protestava:

— Porque grandes foram os seus

erros. Não sabes que são mais significativos para a filosofia os grandes erros do que as pequenas verdades?

O SEGRÊDO DA VIDA E DA MORTE

— Senhor, eu quero conhecer a verdade... E tu que és sábio, que és profundo, cuja fama percorre os continentes, ensina-me a verdade...

— Já a procuraste?

— Senhor, cansei-me de procurá-la. E tudo me tem sido inútil. A dúvida assalta-me cada momento. O temor da morte cerca-me os músculos e faz minguar as minhas fôrças. Quero saber, senhor, a verdade da vida e morte, preciso saber a verdade.

— Por que te exasperas por isso, meu filho?

— Ó, senhor, terrível, cansativa essa busca sem fim, essa luta entre a minha razão e os meus desejos. O que meu coração diz, a minha razão nega. Quando desejo crer e formo uma crença ingênua, a razão me destrói a cutiladas. Em pouco, o meu sonho de fé sente morrer em si a esperança de ressurgir...

— E êsse teu sonho nunca ressurgiu, depois?...

— ...é verdade, senhor. É verdade! Às vêzes êle ressurge. Recobra fôrças estranhas que vêm de mim, e busca novamente afirmar-se. Parece remoçado, porque traz novas côres. Vem lépido, febril, ágil. Mas a razão, em poucos golpes, prostra-o novamente ao solo, vencido, derrotado, inútil...

— Se te ensinasse a verdade da vida e da morte, tornar-te-ias então feliz?

— Ó senhor! Não terei o direito de sorrir para o mundo, para a vida e para morte, podendo murmurar satisfeito que conheço os seus segredos? Será isso negado aos homens?

— Por que julgas que a felicidade esteja em saber o segrêdo da vida e da morte?

— Mas, senhor...

— Não, meu filho! A felicidade não está em saber êsse segrêdo. Ouve-me: o segrêdo da vida e da morte está em nós, está na nossa fé. Podemos criar uma certeza que satisfaça a cada um, jamais uma certeza que satisfaça a todos. E essa certeza poderá ser sòmente o sonho feliz e dominador de um instante.

Mas êsse instante é tudo na vida. A felicidade não está na perpetuação dêsse instante. Está na busca para atingi-lo. É a luta entre a tua razão e o teu coração. Não temas essa luta. Busca justificar o teu coração até venceres. Esse instante de vitória será o prêmio à tua luta. Depois, teu adversário recobrará fôrças, tentará erguer-se. Lutarás outra vez, com ânimo, e vencê-lo-ás uma, duas, cem vêzes...

— E como poderei conhecer o segrêdo da vida e da morte, senhor? Crês que atingirei o seu conhecimento?

— Meu filho: na vida busca conhecer o segrêdo da vida. Na morte, conhecerás o segrêdo da morte.

— Mas, poderei separar o segrêdo da vida do segrêdo da morte? É isso possível?

— Não, meu filho. Busca na vida o caminho da vida, e conhecerás o segrêdo da morte e o segrêdo da vida...

— Mas, senhor, onde está o caminho da vida?

— O caminho da vida, meu filho, está em ti mesmo: está nessa luta entre os teus sentimentos e a tua razão. Está na tua dúvida. Segue por êle. Não temas porque não é reto e possui tantas curvas. Não temas porque pedras endurecem seu caminho, e longas são as encostas que terás de subir. Por êsse caminho, há perigos mortais que te esperam nas suas curvas. Mas terás ânimo para vencê-los. Vai além. Leva no teu rosto um grande sorriso de boa vontade e no coração a crença de que um dia chegarás ao fim de tua viagem. E, quando lá chegares, poderás recordar, uma a uma, as peripécias de tua vida e

terás, ainda, o mesmo sorriso de boa vontade para as tuas fraquezas. E tem certeza, meu filho, que a tua razão virá acorrentada atrás de ti, como um animal que venceste, fiel e serviçal, domado e respeitoso. E a vida cantará dentro de ti hinos de vitórias, porque a vida há de vencer a morte...

O AGRICULTOR, O OPERÁRIO, O COMERCIANTE, O LITERATO, O FILÓSOFO E O SÁBIO

O agricultor, referindo-se ao operário, dizia:

— Afinal de contas, êle não ganha mais do que eu, nem vale mais do que eu, mas quer que eu lhe venda o produto da terra mais barato do que êle reputa ao que realiza em suas oficinas.

E o operário dizia do comerciante:

— Que vale êste mais do que eu? Se tem alguma coisa é à minha custa, que me esfolo para pagar-lhe quatro vêzes mais o que eu mesmo produzo.

E o comerciante dizia do literato:

— Malta de vagabundos, parasitas! Em vez de trabalhar, vivem a cantar lorotas para as namoradas, o escrever contos da carochinha e a escrevinhar baboseiras, e pensam que valem mais que os outros.

Dizia o literato do filósofo:

— Gente que anda com os pés na terra e a cabeça nas nuvens. Uns cegos que se metem num quarto escuro à procura de um gato preto que não está lá. Bons pedantes, êsses filósofos! Usam uma linguagem que ninguém entende, e pensam que valem mais que os outros.

Dizia o filósofo do homem sábio:

— Não se pode negar que êle tem certa prática da vida. É um repositório da experiência humana. Para cada caso tem uma máxima, uma fábula, um apólogo para contar. Mas que sabe êle das grandes interrogações humanas?

E o homem sábio dizia do agricultor:

— Homem, tu conheces a única felicidade que há sôbre a terra: a de dar a vida. Tu tiras da terra o alimento. Ajudas a germinar as sementes; plantas e colhes. Homem da terra, tu realizas a sabedoria.

FILÓSOFOS E ARTISTAS

No campo de batalha da sabedoria, os filósofos terçaram armas contra os artistas.

E os dois bandos empunhavam bandeiras e divisas.

"Pela verdade!", era a exclamação dos primeiros! "Pela beleza!", era a exclamação dos segundos. Um deus, que assistia a contenda, resolveu intervir.

— Suspendam a batalha, e confabulemos. Nós, os deuses, nos preocupamos, às vêzes, com os vossos destinos e com as vossas lutas. Aceitais-me por juiz?

Os artistas concordaram imediatamente. Os filósofos confabularam primeiro e as discussões foram até violentas.

Houve, entre êles, quem negasse a existência do deus, e que tudo não passava de aparência.

Outro, retrucou: — se o deus não passa de uma aparência, apesar do testemunho evidente dos nossos sentidos, então os artistas são também uma aparência, e essa luta não existe.

— E isso é a verdade! Apoiou um dêles.

— Verdade?! Mas que é que entendeis por verdade? — interrogou um que até então estivera calado.

Depois de horas e mais horas de árduas discussões, foi resolvido que aceitariam a intervenção do deus, que já se impacientava, apesar-de ser um deus.

Foi aceito sob alguns protestos e votos vencidos.

Obstinadamente os idealistas haviam negado a existência do deus como um ser vivo e objectivo, e os realistas haviam negado, naquele ser vivo, e objectivo, a da qualidade de deus.

Mas como se tratava de evitar derramamento de sangue, apesar da aparência, foi aceita a intervenção divina.

O deus, colocado ante os dois exércitos, examinou aquêles sêres, tão mesquinhos e tão vís. Havia cabeleiras louras, sôltas ao vento, faces sulcadas de longos traços profundos, olhares amortecidos e rostos abertos e claros com longos sorrisos beatíficos. O deus principiou assim:

— Lutais pela verdade... e vós pela beleza. Eu vos pergunto: que é a beleza senão a verdade, e que

é a verdade senão a beleza? Verdade só, é inútil para a vida, quando a vida está submetida a uma perspectiva de ilusão e de êrro...

— Viva a beleza!... — exclamaram os artistas, convictos da vitória.

— Um momento... — interrompeu-os o deus. — Ainda não dei a sentença. Ouvi: apenas a beleza, seria dar à vida uma perspectiva de sonho e de ilusão. Vós, homens, tereis sempre uma perspectiva de sonho e de ilusão. Essa é a vossa verdade. Querer, no entanto, ir contra a vossa vida, é ir contra vós mesmos.

Uni vossas bandeiras e lutai pela verdade da beleza! Eis o vosso dístico, a vossa insígnia. Filósofos, sêde artistas e, vós, artistas, sêde filósofos. Fugi da aridez dos vossos esquemas e não vivos deixeis dominar pela embriaguez dos vossos sonhos.

Fazei filosofia com arte, e fazei arte com filosofia. Andastes, todos, separados uns dos outros. Uni-vos, agora...

— Que ganharemos com isso? — perguntou um pragmatista.

— Que ganhareis?... Ganhareis vida, um pouco mais de vida. E isso é pouco?

O TEMPO

Uma vez, um dos melhores discípulos do Grande Mestre Construtor dos Grandes Universos chegou-se respeitosamente ao seu senhor, e disse-lhe estas palavras:

— Sapientíssimo, levo ao teu conhecimento, que aquêle discípulo novo, aprendiz, que aceitaste para conhecer a tua Grande e Venerável Arte, acaba de realizar, amontoando ordens de energia diversas, sem nexo e sem cuidado, um conjunto caótico de fôrças num dos pontos mais recuados dos Grandes Espaços. Devemos deixar, Sapientíssimo, essa

grande desordem perdurar, que macula a grandiosidade da tua arte?

Iluminou-se de novos brilhos a fisionomia do Grande Mestre Construtor dos Grandes Universos, o que poderíamos interpretar por essas nossas humanas palavras:

— Um caos... Seria estranho, ante a grandiosidade dos meus Mundos, haver um universo de caos. Seria uma contradição que serviria de exemplo aos novos discípulos para que não façam outro semelhante. No entanto, terá ordem, porque, até no caos, deve haver um pouco de ordem, que é a ordem que emana do ser das coisas que o compõem.

Vai até êsse universo e impregna-o de Tempo. Com o tempo, haverá ordem, porque haverá um começo e um fim, e as coisas sucederão e conhecerão um morrer e um

renascer, até que eu esine aos mais ingênuos des discípulos tôda a grandeza da obra da criação.

O TESOURO

Havia um homem que falava sempre no seu tesouro. Louvava-o. Dizia-o imenso. Incalculável. Como realmente possuía alguma coisa, despertou a cobiça de um ladrão que resolveu um dia roubá-lo. E sabendo que êle o guardava em casa, não perdeu tempo e, junto com outro, assaltou-a.

Preso por êstes, foi forçado a mostrar o tesouro. Ou indicava-o ou morria.

— Pois não, — respondeu sorrindo. E levando-os até o cofre, abriu-o lentamente, e dêle tirou um livro.

— Eis o meu tesouro.

— Mentira... Mostra-nos o teu verdadeiro tesouro, ou te mataremos.

— Êste é o meu tesouro... teimou em afirmar — Não tenho outro. E estou pronto a morrer se não acreditardes.

Um dos ladrões colocou-lhe a faca ao pescoço.

— Dize onde está, ou então morrerás.

— Podes matar-me. Já disse: êste é o meu único tesouro.

— Por que mentiste a todo o mundo que tinhas um tesouro?

— Nunca menti... Êste é o meu tesouro... Tenho culpa por chamardes de tesouro outra coisa... Não me cabe nenhuma culpa, senhores ladrões!

FELICIDADE

Um homem perguntou a um sábio:

— Senhor, tu que és sábio, podes dizer-me o que é a Felicidade?

— Jamais poderia dizer-te. Posso indicar-te o caminho que leva até ela.

— Senhor, ficaria eternamente grato se me fizesses êste favor...

— Pois bem: olha para a frente. Que vês?

— Vejo o mundo...

— Olha mais!...

— Vejo campos, vejo serras, vejo nuvens, bois pastando nos campos...

— Olha mais!

— Nada mais vejo!

— Olha bem... bem!

— Senhor, palavra, nada mais vejo senão o que te disse.

— Como queres seguir o caminho da Felicidade, se isso apenas é o que vêem os teus olhos?

A VERDADE E A MENTIRA

Mas também contam que os deuses, olhando para o infinito, viram o Mundo, essa parcela de poeira que gira pelos espaços, seguindo um pequeno globo luminoso e em chamas. E viram-no tão mesquinho, que não mereceria de um deus mais que um bocejo e menos que um sorriso. Mas, entre êles, um perguntou por que êsse grão não teria vida, além do movimento incoercível e fatal em tôrno do seu sol?

E foi por isso que os deuses resolveram criar os animais e as plantas na terra. Mas um deus, mais benevolente, propôs ainda que se cri-

asse um ser que fôsse capaz de compreender a pequenez do seu mundo e a infinitude do todo; um ser que pudesse, amassando a própria dor com infortúnios e desilusões, atravessar a cadeia de montanhas de sua existência, a razão das suas penas e das suas alegrias, criando, na estreiteza de sua terra, o infinito de suas ilusões e de seu conhecimento, construindo, para si mesmo, a felicidade, vislumbrando, dessa forma, o poder dos deuses.

A proposta encerrava tanto de pitoresco, que os deuses resolveram aceitar. E, para que êsse ser pudesse evoluir, deram-lhe um pouco de sua inteligência e do seu espírito.

Mas um ser só, tão pequeno, tão mesquinho, era um quase nada.

Terminada a obra, os deuses viram logo que êsse ser seria incapaz de lutar contra as dificuldades que a terra lhe ofereceria. Precisa-

ria de mais alguém que o ajudasse, que compreendesse as suas dores, que soubesse chorar as suas lágrimas e rir os seus sorrisos. Alguém, que lhe indicasse o caminho da conquista da terra, e lhe desse confiança em suas fôrças, que lhe fôsse um estímulo nas horas de desespêro e soubesse alegrá-lo quando estivesse triste. Alguém que o ajudasse a prolongar a vida através da terra. E resolveram dar algo que o completasse, que tivesse a doçura, quando êle fosse crueldade, que tivesse o perdão, quando êle fosse implacável, que o aproximasse mais dos deuses, quando êle quisesse aproximar-se mais dos brutos.

E os deuses, virando-se para o primeiro homem, apontaram-lhe dois sêres frágeis, e um dêles disse:

— Homem, aí tens duas companheiras para ti. Mas terás que escolher, entre elas, uma que te acom-

panhe na vida. Esta... — e apontou para a de rosto tranqüilo e sereno, e olhos quase sem brilho — é a Verdade. E esta... — e apontou para a que trazia um sorriso no rosto e os olhos brilhavam como os astros nas noites escuras — é a Mentira. Escolhe. Uma delas te acompanhará na vida.

E um gesto de deus fêz descer sôbre êle um lampejo de liberdade.

E os olhos do homem brilharam mais. O coração palpitou mais célere no peito. Uma expressão, profundamente triste e severa, veio-lhe pousar sôbre o rosto. Depois de um longo silêncio, enquanto os olhos se punham na Verdade e na Mentira, pôs-se a falar assim:

— Mentira, és o sol que desponta tôdas as madrugadas. Com a Verdade, eu estancaria os meus desejos, e adormeceriam os meus sentidos. Tu, Mentira, mudas o teu sor-

riso, como as nuvens que correm pelos espaços, e por isso dás sempre o desejo de algo mais. Contigo, ao meu lado, desejarei novos horizontes, outras paisagens, criarei mundos para enriquecer a pobreza de minha vida, para encher o vazio de minha alma. Tu me darás sempre a sêde da Verdade, o desejo da Verdade, que eu sempre sonharei, quanto te tiver ao meu lado. Tu, Mentira, és as manhãs de sol, os pássaros que cantam e que não cantaram ontem; és o caminho do impossível, que sempre julgarei poder trilhar. Eu tendo-te ao meu lado, terei a Verdade, terei a esperança de que ela um dia será minha.

Senhor... — disse êle virando-se para o deus — eu escolho a Mentira para minha companheira, porque ela é para mim um promessa, e, finito como sou, preciso que o

amanhã estimule a minha vida, porque a Verdade não pode prometer...

O PEREGRINO E O SENHOR

Um peregrino, inflamado do zêlo de sua fé, percorreu os campos e percorreu as montanhas. E do alto de um morro divisou uma povoação de poucas casas, lavadas pela luz da manhã.

Mas entre elas emergia uma, como um gigante entre homens, como um pinheiro entre arbustos.

— Por que — exclamou — aquela casa há de ser maior que as outras, mais espaçosa, provàvelmente mais rica, onde sobejam comodidades? Alí talvez viva alguém dos frutos e do trabalho dos míseros moradores das outras choupanas que

a cercam, como mastins cercam o caçador.

E desceu o morro.

Levado à presença do dono da casa grande, fêz-lhe o peregrino a admoestação de sua dúvida, a censura daquela fartura, a injustiça daquela mansão. E tão inflamadas foram as palavras, que a vergonha cobriu o rosto do senhor.

— Por que hás de ter uma casa maior que a dos teus irmãos? Que tua casa seja como a casa dêles. E que a tua riqueza nada mais seja que a pobreza de teus irmãos.

Convencido pelas palavras do peregrino, o senhor da casa grande disse:

— Tens razão, homem sábio, que vens de longe. Destruirei a minha casa, e construirei outra igual às dos meus irmãos, e compartilharei com êles, de hoje em diante, a mesma vida.

E assim como prometeu, cumpriu.

E, satisfeito de sua missão, o peregrino continuou a percorrer os campos e a percorrer as montanhas.

E do alto de um morro divisou outra povoação. Pouco maior seria do que aquela onde antes estivera. Uma vintena de casas pobres cercavam uma casa grande.

— Sempre, por tôda a parte, repete-se a mesma injustiça! — Exclamou para a manhã. E desceu o morro para cumprir a sua missão.

E mais ardente do que antes foram as palavras que pronunciou ao senhor da casa grande. Êste o ouviu em silêncio, e depois que o peregrino calou, à espera da resposta que viria dos lábios do senhor, ouviu dêste estas palavras:

— Tens razão, peregrino! Tuas palavras me convenceram de uma grande injustiça. Não é justo que possua eu uma casa grande, rique-

za, lazer para o estudo, e que nunca na minha cozinha falte o alimento para mim e para os meus, e que estejam pejadas as minhas adegas. Não devo morar numa casa cercada de comodidades, enquanto meus irmãos vivem na miséria e na carência. Mas que devo fazer, peregrino?

— Faze o que fêz o senhor da povoação de onde vim: destrói a tua casa e constrói para ti, e para os teus, uma choupana como a de teus irmãos.

O senhor da casa grande não respondeu logo. Pensou, e depois disse:

— Tua solução não é a melhor, peregrino. Ouve então a minha: em vez de destruir a minha casa, por que não construirmos, para os que moram nas choupanas, casas como a minha e que lhes ofereçam também benefícios? Em vez de destruir, peregrino, construamos!

E virando-se para os homens pobres da povoação, que enchiam a sala e ouviam o estranho diálogo entre o senhor e o peregrino, disse:

— Todos juntos, mal clareie o dia, iremos construir casas grandes. E assim tantas, quantas as famílias que compõem a nossa povoação.

E virando-se para o peregrino perguntou com um sorriso nos lábios:

— Não é melhor assim, irmão? Podemos, também contar com a tua ajuda e com o teu trabalho?

ENTRE HOMENS...

Êste facto se deu entre homens... selvagens. Estava um dêles a mostrar ao outro, o qual era cego, dois vasos de igual tamanho. O cego apalpava-os cuidadosamente, e afinal disse:

— São totalmente iguais, absolutamente iguais...

— Não — respondeu o outro. — Não são iguais, pois um é de côr vermelha e o outro é azul. Há diferença entre ambos.

— Que diferença é essa? — Exclamou o cego. — Não estou sentindo que ambos são totalmente iguais?

Já vem você com as suas diferenças. Só você sente tais diferenças.

— Mas elas estão na coisa, nesses vasos. Há diferenças entre as montanhas e as planícies, entre as nuvens e as estrêlas do céu...

— Que diferenças são essas? — interrompeu o outro. — Como é que me prova que elas se dão? É só você que sente isso. Prove, que elas existem, vamos!

O outro compreendeu como era difícil provar. Resmungou algumas palavras. Olhou para os olhos secos do cego. Depois, fitou-lhe as mãos. Só elas permitiam conhecer, só elas permitiam distinguir.

Como poderia provar àquelas mãos que havia côres diferentes? Como provar àquelas mãos que havia estrêlas?

A FILOSOFIA

Um dia, pelo caminho da Vida, o Destino encontrou à beira da estrada, uma pobre mulher, esfarrapada e faminta, que lhe estendeu a mão, pedindo a esmola da Felicidade.

— Quem és, pobre mulher?

— Quem sou eu?! — Exclamou ela com amargura: — Olha bem para mim, Destino!

E baixou a cabeça para esconder as lágrimas.

Aproximando-se mais, o Destino levantou-lhe levemente o rosto e viu, à penumbra do entardecer, que, apesar de marcada pelas rugas do

Tempo, ela era ainda bela, e parecia-se com a Dor.

— Serás acaso a irmã mais velha da Dor?

— Não, respondeu ela num soluço, eu sou a Filosofia.

— A Filosofia?! Mas onde estão as tuas filhas? Por que estás tão sòzinha?

— Minhas filhas!? Perdia-as, uma a uma.

— Conta-me a tua história.

— Tu, Destino, prometeste acompanhar-me, cuidar de mim e me abandonaste no mundo cheio de inimigos e ladrões. A minha história é longa, e eu não vou roubar o teu tempo para contá-la, porque deves seguir o teu caminho, afim de que outros não sofram da tua ausência, como eu sofri. A Ciência, essa impertubável criatura sem entranhas e sem sentimentos, roubou-me a minha filha, a Filosofia Natural,

para transformá-la em duas: a Biologia e a Física, dois autômatos sem vida. A Cosmologia, que era tão sonhadora e tão poética, do cérebro fêz a Astronomia e dos membros fêz a Geologia; da minha filha mais velha, a Filosofia do Espírito, ela fêz essa doidivanas que é a Psicologia. A Moral, a Religião e a Política, minhas filhas tão amadas, ela entregou-as ao Vício, à Ambição, ao Egoísmo, a todos os monstros do mundo.

E deixou-me sòzinha, desnuda e faminta...

— Bem vejo o teu estado e confesso que êle me enche de muita pena. Mas vejo que teus olhos ainda brilham... Vejo que ainda tens alguma coisa.

— Tenho, sim. Tenho nos meus olhos a Metafísica. É êste o brilho que vês. Essa, jamais me será rou-

bada, porque essa sou eu mesma, é a alma da minha alma!

— Pois, tem fé! Será ela quem te devolverá tudo quanto perdeste. O exemplo dela fará que as outras retornem para junto de ti. Elas se cansarão dos falsos caminhos, e hão de voltar um dia.

OS RATOS E A HUMANIDADE

À procura de alimento seguia um rato...

Cauteloso, viu-se no páteo de um prédio. Farejou o ar e os cantos à procura do que comer. E foi além... Silencioso, sorrateiro, cheio de mêdo e cuidados, em rápidas corridas, parando cem vêzes numa vez, sondou o local. Ao virar-se, estacou. Ficou atônito. Sentiu o bafo quente da respiração do mais odioso e mais terrível dos felinos. Um gato, olhar luminoso, enérgico sôbre o bigode espantoso, preparava-se para caçá-lo.

Lesto, quis fugir, mas, eis, estava

preso nas garras finas e cortantes que lhe atravessavam a carne. Grunhiu penetrantemente. Era impotente, apesar de todos os esforços, de todos os arrancos dos músculos e dos nervos.

Estava perdido, sem dúvida. Os instantes de vida seriam, agora, curtos. Mas reagiu, estacando, para tomar fôlego.

Inútil. O felino dominara-o com tôda a sua fôrça e garras.

Exangue, sentiu perder a coragem. Cerrou por um momento os olhinhos e esperou ser tragado nas fauces gigânteas daquêle terrível monstro, o maior que o atormentou em sonhos, a êle e a tôdas as gerações de seus antepassados. Morreria como tantos outros já haviam morrido, inglòriamente.

E, estóico, aguardou o momento supremo.

Sentiu o corpo cair sôbre algo, mas frio.

Seria tão fria a bôca horrenda daquêle monstro?

Sentiu o corpo livre. Não lhe doíam mais nas carnes os estiletes do ser odiado.

Abriu os olhos, e viu-se só.

Não era um pesadelo. O corpo ali estava sangrando. Olhou assombrado e viu na marcha silenciosamente horrenda, afastar-se o vulto negro do inimigo tradicional.

Sentiu-se livre. Podia voltar para junto dos seus. Por que o havia deixado aquêle monstro?

Uma ternura imensa, quase humana, vibrou-lhe os nervos, os músculos.

Lesto, enterrou-se por um buraco e seguiu para junto dos companheiros que, temerosos, já o aguardavam. Ao vê-lo, assim, ensangüentado, cercaram-no. Queriam saber o que

havia sucedido, mas, todos, pelas marcas no corpo, já compreendiam o que se passara.

Finalmente, falou, após tomar fôlego muitas vêzes:

— Imaginem... Aquêle gato feroz, pilhou-me. E não me quis matar. Por quê? Certamente êle é bom. Êle não é tão mau como parece.

— Mas vieste ensangüentado, — disse-lhe entre lágrimas a companheira.

— Sim, ensangüentado. Mas podia não ter vindo... Bemdito gato!

Satisfeito, bem alimentado, o gato deixara-o fugir por displicência de gato de barriga cheia.

E quantos recobrando um dia a liberdade, depois de saírem sangrando, ainda agradecem aos tiranos por não lhes terem tirado a vida?

LIVRE ARBÍTRIO

O relógio da Matriz deu duas badaladas...

O vento soprava do norte para o sul. Na ventoinha, êle gemia, uivava numa nota longa...

— Eu guio o vento. — Dizia para si a ventoinha. — Êle é servil a mim. Sibila do norte para o sul porque o quero. — E sorriu vaidosa um sorriso de ferro...

.....

O relógio da Matriz deu quatro badaladas...

E o vento mudou, do norte para o sudoeste... Uivava, gemia, uma nota longa, quase musical...

— Viu — sibilou a ventoinha para a tôrre da Matriz — Viu? Impeli a brisa para ali, fui eu quem o quis!...

E a tôrre da Matriz sorriu grave um sorriso de pedra!...

A VERDADE

A Verdade, quase nua, corria por uma estrada. A Fantasia, ao vê-la assim, não se conteve:

— Ah! fugindo?! Os homens já a escorraçaram?

— Psiu! Não fale alto! É a razão que vem me perseguindo com aquêles terríveis monstros de três cabeças, as Convicções... E êles não me perdoam...

A LIÇÃO DA HISTÓRIA

— Majestade, o vosso reinado está perdido?

— Perdido? Por que?

— Uma grande revolução está para romper dentro de poucos dias, e grande parte das vossas tropas estão com os rebeldes. As que não tomarão parte na luta, prometeram permanecer neutras.

— Mas já verificou bem se não contamos com elementos para enfrentar os rebeldes?

— Já, majestade. Só contamos com a vossa guarda, e outras fôrças menores, e mais ninguém.

O rei pensou um momento. Depois, sorrindo, perguntou ao primeiro ministro:

— Não é verdade que há dias foi morto na fronteira um soldado nosso por um estrangeiro do país vizinho, nosso eterno inimigo?

— É verdade, majestade.

— Pois espalha por tôda a parte que no país vizinho queimaram as bandeiras de nossa pátria, e que foram dirigidas afrontas ao nosso país. Que todos os nossos homens estejam a postos, pois estamos à mercê de um ataque do estrangeiro...

— E se o ataque não se der?...

— Ora, nós atacamos... A questão é pôr o perigo fora de nossa pátria. Que pensa você? Quando se quer fortalecer um regime em perigo no interior, é preciso fazer ver o perigo vindo do exterior. É o que nos ensina a história... E ande depressa!

A JUSTIÇA E OS HOMENS

A Justiça, cansada de viver com os olhos vendados, resolveu um dia, descansar a espada e a balança, e disse para si mesma:

— Percorrerei o mundo, e saberei o que julgam de mim. Só assim poderei resolver melhor as pendências dos homens e dar a cada um o que lhe couber por direito.

E caminhando por longa estrada, encontrou um camponês, e perguntou-lhe:

— Ó tu que laboras o campo, retirando da terra os frutos que alimentam, dize-me o que julgas da

Justiça, e o que para ti é justo ou injusto?

A princípio o camponês olhou-a espantado. Notando, porém, a sinceridade do olhar, desfez as rugas da testa, passou as mãos pelos cabelos, e iniciou assim:

— Ora, o que julgo!... Para mim é injustiça trabalhar aqui todo o dia e não possuir um campo maior do que êste, enquanto, ali — e apontou para o levante — aquelas terras são de um homem que tem cem vêzes mais do que eu, e nem sequer planta a quinta parte do que possui. Por que lhe cabe mais terras do que a mim? Posso plantar mais terras do que tenho, e a maior parte das terras dêle vivem abandonadas? É justo, isso?

A Justiça perguntou-lhe:

— Como acharias justo, então?

— Haveria justiça se a mim fôsse dado, pelo menos, a metade do que

êle possui, para que eu tornasse essas terras produtivas.

— E haveria Justiça na terra se fôsse dado a todos iguais a ti, o que pedes?

— Ah, sim, então haveria Justiça.

Ela sorriu meigamente, agradeceu-lhe as palavras, e despediu-se.

Às portas da cidade encontrou, um comerciante que vinha numa carruagem.

Fêz-lhe um aceno, e êle estacou.

— Ó tu que compras de uns para vender aos outros, dize-me o que é para ti justo ou injusto?

— Para mim?... — olhou-a espantado com um olhar ladino, em que havia censura e aborrecimento. Mas ao notar a sinceridade das palavras e da fisionomia da Justiça, sorriu astutamente e disse:

— Achas justo que me sobrecarreguem de impostos? Achas justo que me limitem as possibilidades de

negociar? Por que não devo comprar do camponês o que quero, pelo preço que me convém pagar-lhe?

— Como seria justo para ti o mundo?

— Como? Muito simples. Não nos sobrecarregasse o govêrno de impostos, desse-nos mais liberdade, garantisse-nos contra os bandoleiros, concedesse-nos créditos a prazo longo, e juros baixos. Então, sim, haveria Justiça!...

Ela sorriu meiga e despediu-se.

Na cidade encontrou um trabalhador que vinha do serviço, e falou-lhe:

— Ó, tu que ganhas o pão com o suor do teu rosto, e constróis os palácios e as grandes obras humanas, que forjas o ferro e compões os livros, o que julgas seja justo e o que seja injusto?

— O que julgo?! — exclamou êle, quase raivoso. Mas ao ver o olhar

sincero, fêz uma careta à guisa de sorriso, e abanando as mãos, disse:
— Achas acaso justo que eu construa os palácios e durma numa choupana? Que eu forge os grilhões que me escravizam? Que eu faça as roupas e os sapatos e ande maltrapilho e descalço? Não! Há outros que dispõem de tudo isso feito pelas minhas mãos, sem que movam uma palha. É justo, isso? A Justiça só pode haver com a Igualdade. Todos devemos ser iguais no trabalho e no usufruto do trabalho. Então haverá Justiça!

Dirigiu-se a Justiça para um belo palácio, sequiosa por saber o pensamento dos que nêle moravam. Entrou. Sentado a uma mesa estava um homem idoso e nobremente trajado, e ela perguntou:

— Ó, tu que tens tudo o que desejas, que és rico e poderoso, dize-

me o que pensas da Justiça. O que é para ti justo ou injusto?

— Que? — olhou-a ríspido e com dignidade. Mas ao ver a sinceridade do olhar, fêz um leve cumprimento de cabeça, e disse :

— É justa, como desejam muitos, a igualdade? Somos acaso iguais? Não nos separam a educação, a cultura, a inteligência. Por que exigem entregue eu o que me custou anos e anos de trabalho, a meus pais e aos meus antepassados, àqueles que não sabem conservar o que obtêm? Por que devo entregar tudo quanto o destino me colocou às mãos, pelo simples facto de me terem corrido melhor os fados que aos outros. Seria isso justiça? Não! Isso seria a mais clamorosa das injustiças.

— Como haverá justiça no mundo?

— Haverá justiça no mundo quando os homens se contentarem

com o que têm. Enquanto houver os que invejam o que pertence aos outros, não pode haver justiça.

A noite já havia coberto de sombras a cidade. E a Justiça, cansada, resolveu voltar para o seu reino.

— Qual!... Os homens julgam-me segundo os seus interêsses. Cobrirei os olhos outra vez, empunharei a espada e a balança. E continuarei ainda, sem vida, insensível às suas súplicas, cega e surda às suas imprecações... Como poderei viver entre êles se êles ainda não me conhecem...

E voltou à sua marmórea e eterna postura...

O PRIMEIRO ARTISTA

À volta da mesa estão sentados três homens.

O de feições mais brandas, de longa barba, de olhos úmidos e face pálida, está com a palavra:

— A arte não é natural. Ela não parte da natureza exterior. A arte parte do artista que a impõe à natureza!...

O artista pode ser um copista, no realismo. Será, então, um copiador da realidade, ou o "repórter literário da natureza". Há também a arte que o artista impõe à natureza, contra a natureza, além dela, me-

lhorando-a, sublimando-a. É ai que o artista cria a realidade da arte...

Eu não sou copista, nem repórter da natureza. Que me perdôem os que o são!... A obra de arte deve estar fora do tempo e do espaço. Acima do tempo e do espaço. O homem é um escravo das necessidades, é um escravo da natureza. E êle só se liberta dessa opressão que o persegue, na obra de arte.

Há no heroismo, para mim, algo de semelhante à obra de arte. O submetido submete, aí, nas suas mãos, a natureza que o domina. É no artista que o homem atinge o sublime, para mim. Felizes daquêles que sabem e podem submeter à sua vontade a natureza opressora.

Os outros ouviam-no em silêncio. O da direita, de olhos buliçosos, perguntou:

— Diga-me... Dê-me um exemplo dessa libertação. Quem a conheceu?

— Quem?... — e fêz um sorriso brando e longo e, numa voz leve, como o vento tépido das tardes de verão, prosseguiu:

"Era uma vez um escravo e era uma vez um senhor. E um dia o senhor, depois de mandar vergastar o escravo com vinte chibatadas, disse-lhe:

"É para que saibas me respeitar... Sabes que se eu o quisesse, mandar-te-ia matar agora. Vou te perdoar a vida, por esta vez. Mas, toma bem nota: outra não te perdoarei. Tu és meu, e farás tudo quanto quero, e nada mais do que quero. E para mostrar-te como posso dominar-te completamente, ficarás de hoje em diante amarrado a êste tronco. Receberás o alimento pela mão de outra pessoa, e nenhum

gesto farás sem a minha licença, cão vil, escravo, filho de escravo! — E cuspiu-lhe no rosto.

E êle foi amarrado ao tronco, e nada disse. Olhar perdido, olhava sem olhar. E o senhor que assistia a tudo disse-lhe, depois de vê-lo amarrado:

— Então? Estás convencido que sou o teu senhor?

E o escravo murmurou estas palavras:

— Tu, senhor, és o dono dos meus braços, e és o dono do meu corpo. Podes deixar-me viver como podes matar-me. Meu corpo é teu, senhor, êle está onde quiseres que êle esteja. Mas o meu pensamento, quem manda nêle sou eu. Eu crio um mundo para mim, onde tu, senhor, não serias o meu escravo...” E calou-se.

— O senhor mandou matá-lo então? — perguntou o de olhos buliçosos.

— Não! Mandou libertá-lo... — e num sorriso cheio de doçura acrescentou: — Aquêle escravo tinha certamente alma de artista.

O HOMEM JULGADO PELOS ANIMAIS

A assembléia estava marcada para aquêle dia, e de tôda parte do mundo vieram os representantes das espécies animais, para prestarem o seu depoimento, no julgamento do Homem.

Presidia-a o Leão, que fôra escolhido por unanimidade de votos, por sugestões da Rapôsa.

Para a acusação fôra nomeada a Rapôsa, que já por diversas vêzes, graças ao testemunho de Lafontaine, Esopo e Florian, demonstrara possuir verdadeiros dotes oratórios, e uma fôrça de sugestão impressionante. Para a defeza do Homem,

por seu próprio oferecimento, encarregou-se o Cão.

Instalados os trabalhos preparatórios, e iniciada a sessão de julgamento, o Leão deu a palavra à acusação, representada pela Rapôsa.

Esta, depois de puxar os óculos até à ponta do focinho, numa voz suave, que ia num crescendo impressionante, pôs-se a falar:

— Irmãos animais. Neste momento solene, todos os representantes das espécies vivas mais oprimidas do orbe, reunem-se para o julgamento do maior inimigo da animalidade: o Homem.

Mais alto e mais impressionante do que as minhas palavras falará o testemunho dos animais oprimidos que servirá de prova de que o Homem é o nosso maior inimigo, e que deve ser extirpado dêste universo para benefício de todos. Ouçamos o testemunho do Porco.

O Porco mostrou-se indeciso, envergonhado. Um sorriso contrafeito se postou nas suas bochechas, mas, instado pelos outros, aproximou-se da mesa.

— Irmão Porco, qual a sua opinião sôbre o Homem? Não deve êle ser exterminado da terra?

— Meus irmãos animais... tremiam-lhe as bochechas. — O Homem tem sido o meu maior inimigo. Diz que eu tenho uma existência de vários anos, mas a verdade é que nunca atingi a êsses anos, porque êle, depois de me engordar o mais que pode, transforma-me em presunto e banha. Tôda a minha espécie é vítima dêsse atentado. E vivemos, irmãos animais, dominados por êle, criados por êle, que nos enche de esperanças, que nos dá alimento para que engordemos com o intuito premeditado de comer-nos.

O Crocodilo derretia lágrimas.

— Irmãos animais — interrompeu a Rapôsa — vêde como até o nosso irmão Crocodilo chora emocionado ante tamanho crime.

— Protesto!... — interrompeu o Cão aos latidos. — V. S., Dona Rapôsa também furta ovos e come pássaros e pintainhos. O Homem mata animais, concordo, mas para a sua alimentação. Êle o faz em legítima defeza, como faz S. Magestade o Leão, muito digno presidente dêste augusto tribunal, como o faz o Tigre, que toma parte no conselho dos jurados, e outros.

Eu mesmo, caros animais do conselho de sentença, não posso me eximir dos mesmos crimes que tantas vêzes tenho cometido contra os meus irmãos.

Partiram protestos agitados dos circunstantes. Não apoiados gerais foram pronunciados. O Leão chamou logo atenção para o Cão:

— O nobre irmão não deve de maneira alguma perturbar a serenidade dêste tribunal, procurando motivos de ordem emotiva para justificar crimes que atentam contra a animalidade. Se continuar a perturbar o ambiente com provocações, terei que cassar-lhe a palavra.

— Perdão, senhor presidente. Não provoquei ninguém, nem tampouco tive o intuito de perturbar a boa marcha dos debates. Simplesmente, no cumprimento da minha função, apresentei motivos que os julgo irrefutáveis.

— Mas V. S. acusou a nossa nobre colega, a Rapôsa, de crimes, que não provou nem pode provar.

— Não posso provar porque a Rapôsa os tem praticado nas caladas da noite.

— Infâmia! Injúria! — Protestou a Rapôsa. E enquanto fechava os seus olhinhos e apontava o focinho

para o Cão, continuou em sua voz fanhosa — Caros irmãos. Acabo de sofrer uma acusação grave. Uma acusação indigna — E levantou a pata até a altura do focinho. — O Cão, porque tem vivido sempre ao lado do Homem, como tem sido o seu guarda, o seu escravo, que come os restos de sua mesa, e tem morada ao calor do seu fogo, quer justificar o nosso inimigo e ainda, para desmoralizar a minha acusação, procura imputar-me crimes que êle mesmo alega que não os pode provar. — E apontando com a pata para o Cão, continuou:

— Quem são as tuas testemunhas em benefício do Homem? Eu apresento contra êle o testemunho, dos pássaros, dos peixes, dos animais de tôdas as partes do orbe. Êle tem devastado rebanhos e rebanhos. Êle tem feito a desgraça de espécies já

quase desaparecidas. Quais são as tuas testemunhas?

— Tenho para provar as minhas alegações o testemunho do Cavalo.

— Do Cavalo? — E a Rapôsa pôs-se a rir. — Do Cavalo? Caros irmãos do conselho de sentença, o Cavalo é a única testemunha a favor do Homem. E por quê? Porque o arreia com pedaços de couro feitos de irmãos seus; porque o monta e o obriga, humilhado, a percorrer distâncias para carregar o seu amo; porque o arrasta para as suas hediondas guerras de destruição sistemática de seus próprios semelhantes ou para ser estripado pelas suas balas. O Cavalo... O heróico Cavalo. — Tinha uma voz fria de ironia. — Porque um dia o homem lhe deu uma estátua, glorificou-o em versos, julga-se já o amigo do Homem, e êste seu amigo. — E mudando para um tom feroz de voz:

— Indigno animal êsse, inconsciente animal, que quer negar o poder malévolo do homem. Protesto contra o testemunho dêsse ser a quem faltam os mais leves resquícios de honorabilidade animal, e peço ao senhor juiz para ser qualificado como suspeito.

— Aprovo o pedido. — Respondeu o Leão.

— Irmãos, animais do conselho de sentença. Pouco mais me resta para uma análise do Homem. Tudo quanto vós mesmos tendes sofrido dêle, do nosso inimigo terrível, é o suficiente para a sua condenação. Proponho que condenemos o Homem à pena máxima. Que seja destruído e escorraçado do nosso mundo...

— Muito bem. Muito bem. Apoiado...

Posto em votação, por unanimi-

dade de votos, o conselho de sentença condenou o Homem à morte.

O Leão leu a sentença. Mas o Boi lembrou-se de perguntar:

— Perdão, senhor presidente. Desejava saber como iremos realizar a sentença. Qual de nós estará em condições de atacar o Homem?

— Bem... isso é outra coisa. Eu, por exemplo, posso me encarregar de alguns, mas devo-me conter por causa das suas armas terríveis. Talvez a Rapôsa.

— Quem? Eu? Impossível. Não possuo meios de poder atacá-lo... — E sorriu contrafeita.

— Então como executaremos a sentença? — Perguntou o Leão já meio indignado.

— Muito simples — propôs a Rapôsa. — Unamo-nos todos os animais. Pelo ar atacarão os pássaros, e pela terra os réptis e os quadrúpedes. Mobilizaremos todos os ba-

cilos, miríades dêles, e atacaremos o Homem em todos os seus órgãos, por dentro e por fora. Destruiremos êsse nosso inimigo em poucos dias. Que achais de minha proposta?

— Admirável. Estupenda!... — Exclamaram todos.

— Aprovada! — Disse sentenciosamente o Leão. — Iniciaremos a nossa luta imediatamente. Já. Conclamem todos os nossos irmãos.

Destruamos o inimigo da animalidade: o Homem. Abaixo o seu poderio, e abaixo todos aquêles que o ajudarem, como o Cão e o Cavalo. — E num gesto majestático: — Que a justiça seja feita!

ILUSTRE DIÁLOGO

Filósofo irracionalista (cheio de alacridade):

— Não compreendo porque tentais ainda prosseguir nessa vossa vã tarefa de afirmar o predomínio da vossa tão endeusada razão, quando, até hoje, ainda não vos foi possível estabelecer o que julgais por verdade, e o raciocínio de Descartes já foi demonstrado ser absolutamente ilógico, mesmo dentro do formalismo que defendeis. Como explicareis a variedade dos gostos, das opiniões, com êsse formalismo que esgrimis inùtilmente, e que não passa de um espantalho?

O vosso racionalismo é absolutamente anti-histórico...

Filósofo racionalista (compõe os óculos sob o nariz adunco. Tem uma tossezinha legìtimamente asmática. Treme os lábios finos e deixa escapar lentas estas palavras):

— Posso responder-vos, citando apenas algumas célebres palavras. São de Descartes. Ouvi. (Pigarreia, e lento). "Tudo o que a razão concebe, concebe-a segundo é devido, e não é possível que erre. Donde pois, nascem os seus êrros? Nascem simplesmente de que, sendo a vontade muito mais ampla e mais extensa que o entendimento, não a contenha nos mesmos limites, senão que eu a extendo também a coisas que não entendo; a qual, sendo de si indiferente, se desborda com facilidade e escolhe o falso como verdadeiro, e o mal como bem: essa a causa de que me equivoque e

peque." Essa é uma resposta à altura. Mas prosseguirei: "Tôda a idéia, ou crença, que não tenha sido construída pela "pura intelecção" é duvidosa, desdenhável. Poderia dar um exemplo célebre: o ponto, para a vista é a mancha mínima que nossos olhos podem ver. Para a pura intelecção é o radical e absolutamente menor. É o infinitamente pequeno." (Pára, gozoso).

Filósofo irracionalista — Êsse infinitamente pequeno seria, assim o último ponto antes do nada. A última escala antes do nada. Depois: nada. A vossa razão pode conceber isso? Duvido... (ri). Mas não se ofenda com que lhe digo: o seu Descartes era um entusiasmado pela razão. Aliás em sua época, isso era absolutamente compreensível. Mas, convenha, que êle fêz uma verdadeira inversão da perspectiva humana.

Nosso conhecimento observa sòmente a qualidade das coisas.

Conhecemos as côres, as resistências, os sons... Êsse é o nosso mundo, em suma. Ora, as qualidades são absolutamente fugazes. E de que modo, com a razão, podê-las-íamos apreender? Como definirei, por exemplo, a côr verde? Ora, o que conhecemos do mundo é absolutamente irracional...

— Mas Descartes diz o contrário. Precisamente o verdadeiro do mundo é o quantitativo. As qualidades são aparências. O mundo geométrico é o verdadeiro. O que tendes é a ilusão... (alça o peito vitorioso).

— Estais errado!...

— Errado, estais vós!...

— Erradíssimo!...

(Entra um terceiro personagem)

O terceiro personagem:

— Perdão, caros senhores... Permitam que me intrometa em vossa tão ilustre discussão?

— Quem sois?

— Senhor Irracionalista e Senhor Racionalista, umas poucas palavras bastam para evitar tudo isso. Nós conhecemos das coisas as quantidades...

— Está vendo. Descartes tem razão...

— ...mas a nossa intuição sensível dá-nos a qualidade...

Isso é tão simples que chega a vos confundir e parecer penumbroso. Explicarei melhor: A qualidade é que sensìvelmente nos revela a quantidade. Qualidade, em si, não existe. Nem existe, em si, quantidade.

O ser físico manifesta-se para nós por qualidades. Tôda a luta entre

o racionalismo e o irracionalismo é um puro torneio de palavras. A lógica formal, como a compreendem os racionalistas, ao querer apreender o fugidio, é o mesmo que a preguiça querer caçar pássaros. Precisais, senhores, compreender uma única coisa: a verdade está com o sr. racionalista e está com o sr irracionalista. A única diferença é essa: é que não está, exclusivamente, com um só de vós dois. É o caso de dois homens, que tivessem, cada um, no bôlso, uma moeda de ouro, e um dissesse para o outro: "quem tem a moeda de ouro sou eu; *só* eu que a tenho."

Se houvesse uma única moeda de ouro no mundo, então só um dêles teria razão...

A BELEZA

Certa vez, os inimigos dos deuses, raptaram a sua filha mais admirável, a Beleza.

E esconderam-na, tão cautelosamente, que nem os deuses poderiam achá-la, nem descobrí-la. Haviam-na aprisionado neste mundo, e como êle pertence aos homens e aos demônios, os deuses nada podiam fazer.

Apelaram, então, aos homens. E entre êsses, um dêles, pôs-se à procura da princesa raptada. Andou, e andou.

Um dia, cansado de tanto procurar, pôs-se a admirar as flores

que brotavam da terra. Não diziam elas uma mensagem da prisioneira? Interrogou-as. Nesse tempo as coisas ainda não falavam. Mas que quereriam dizer aquelas flores, tão agradáveis aos seus olhos? E também aquêle crepúsculo multicolor queria falar-lhe sim. Mas, por que não entendia?

E pôs-se a pedir a tôdas as coisas para que elas falassem. E ouviu sons estranhos, novos, mas agradáveis, vindo das coisas. Mas que lhe diriam êles? Assoprou em caules de bambus, e outros sons novos vieram acariciar-lhe os ouvidos. Ouviu um pássaro cantar, e pôs-se a imitá-lo, e verificou que de seu corpo saía uma voz que dava mansidão, tranqüilidade à angústia que dêle se apoderava.

E construiu instrumentos, e combinou sons, cantou, e procurou o canto mais harmonioso; ouviu os

pássaros, e procurou gravar nas rochas as emoções que sentia ante o mundo. E à noite interrogou a lua, e a tôdas as coisas, procurando nelas alguma notícia sôbre a filha amada dos deuses.

Um dia, cheio de angústia e dor, cansado da longa espera e da interminável procura, pondo na voz a sua mágoa, cantou a sua tristeza.

E, sùbitamente, com espanto, um ronco medonho saiu da terra. Parecia que o mar iria tragar tudo. As ondas encapelavam-se. Trovões ribombavam pelo céu rasgado de raios.

Apavorado, ocultou-se sob uma rocha.

Depois, tudo serenou. Uma tranqüilidade desceu sôbre a terra, e tudo parecia reviver. Voltou os olhos para o céu, e viu uma grande cavalgada de deuses, que se dirigia

para êle. Quis fugir, mas uma voz retumbante sôou pelos espaços:

— Pára, ó filho dos homens. Nós viemos te saudar. Com os sons dos teus instrumentos, com a suavidade de tuas palavras harmoniosas, com os traços que traçastes, e com teus cânticos de dor, tu libertaste a Beleza, nossa filha muito amada. Ela era prisioneira da Matéria, onde a haviam guardado os demônios nossos inimigos.

Ó homem, tu és, o libertador da Beleza. Em prêmio, nós te concederemos que vejas a sua imagem para que te acompanhe durante a existência. Ela estará sempre contigo, e poderás contemplá-la e admirá-la onde estiveres, porque poderás realizar a sua imagem com as tuas mãos e com o teu espírito. Assim te daremos o maior dom dos deuses, mas também te abrimos o caminho da tua libertação dos de-

mônios. Ela te salvará, pois poderás chegar até nós. Ela será o caminho que te elevará de tua pequenez para atingires a nossa grandeza.

E foi assim que surgiu o Artista, aquêle que não sabe quando, mas que, um dia, contemplou a face maravilhosa da Beleza, e que tenta sempre, em tôdas as coisas, reproduzí-la.

OS ANIMAIS SAÚDAM O SOL

Agradecidos dos favores que o sol oferece a todos os animais que vivem sôbre a terra, o cão propôs, e foi aceito, que se lhe prestasse, ao amanhecer, uma grande homenagem. Combinaram a organização de um grande côro dos animais, sob a regência do rouxinol .

Milhões de vozes ergueram-se na madrugada, numa melodia única, suave, harmoniosa. Uma única voz desafinou e chamou a atenção de todos, e atraiu os olhares furibundos do leão, do tigre e do leopardo. Terminado o côro, o rouxinol, de cima de uma árvore, disse à rapôsa:

— Comadre, rapôsa, que lástima! Por que você desafinou daquele modo?

— Ora, meu amigo, se não desafinasse, como é que chamaria a atenção para mim?

O MACACO, O PALHAÇO E O BURRO

No circo, já haviam passado os números do trapézio, do arame, o homem cobra, todos muito aplaudidos.

Mas ninguém recebeu tantos aplausos como o palhaço e o macaco Simão quando entraram no picadeiro. Foi um verdadeiro delírio!

O palhaço deu uns saltos mortais que o macaco acompanhou. Depois, ambos pularam, caíram, rebolaram; o macaco deu palmadas no palhaço, o palhaço deu palmadas no macaco; um imitou o outro. E o povo riu, gritou, gargalhou, aplaudiu.

Quando terminou o número, maiores ainda foram os aplausos e todos pediam: Bis! Bis!

Fora do picadeiro, atrás da cortinaa, o burro dizia para os outros animais:

— Não há dúvida... O palhaço e o macaco são inegàvelmente os sêres mais inteligentes do mundo. Não estão ouvindo os aplausos?...

A NOVA ORDEM SOCIAL DOS LÔBOS

Os lôbos, descontentes da vida que levavam, resolveram reconstruir a sua ordem social.

— Imitemos as abelhas! — Propôs um.

— Melhor, as térmitas! — Propôs outro.

Depois de muitos debates, a maioria convenceu-se que a ordem estabelecida pelas abelhas seria a que melhor se coadunaria aos lôbos .

Antes de pôr em votação, um velho lôbo, pedindo a palavra, disse:

— As razões da proposta são inegàvelmente interessantes e ponderadas. Que tenha servido para abe-

lhas e térmitas, compreendo. Que venha a servir para lôbos é o que duvido, pela simples razão de lôbos serem lôbos, e não abelhas nem térmitas. E por outro lado, deixai-me ao menos pôr uma pequena dose de pessimismo lupino: depois de milênios e milênios, os lôbos volvem para os insetos em busca de construções sociais. Será que a isso chamam progresso?...

A SOMBRA E O RIACHO

A sombra, que vinha das árvores e cobria o riacho, disse:

— Eu te cubro com o meu manto de penumbra, vês?

— Sem dúvida, — replicou-lhe o riacho, — podes escurecer as minhas águas, mas não impedes que elas corram.

O ZANGÃO, A CIGARRA E AS ABELHAS

Orgulhoso da colmeia, um zangão convidou um dia uma cigarra para visitá-la.

— Vês êstes favos cheios de mel? Tudo isso é produto da minha organização, do meu trabalho, — mais ou menos, — calculou — de um mês.

— Extraordinário! Extraordinário! — Exclamou admirada a cigarra.

Naquêle instante entrou uma fileira de abelhas.

Abriam os favos e depositavam o mel, e, rápidas, tornavam a sair.

— Quem são elas? — perguntou a cigarra.

— Essas... o zangão fêz um gesto de desdém — essas são apenas as minhas auxiliares.

A COUVE, A HERA E O CARVALHO

Ao ver o Carvalho altaneiro, dominando a floresta, a Couve choramingou:

— É demais. Êle tão alto, e eu, aquí, rastejando no chão. Porque não posso erguer-me até lá?

Mas a Hera atalhou-lhe logo:

— Por que não procedes como eu? Meus ramos são frágeis, mas apego-me ao tronco do Carvalho, e subo tão alto como êle. Aprende comigo!

A Couve meditou um pouco, e depois, com certo orgulho, disse:

— Se não posso subir com as minhas hastes, não quero erguer-me às alturas à custa dos poderosos.

A RAPÔSA E A LIBERDADE

Uma vez, uma rapôsa, vinda de terras distantes, visitou um povo para aí pregar uma nova idéia. Era uma idéia revolucionária. Entre outras coisas, dizia:

— Absurdo simplesmente é haver galinheiros fechados. Onde está a liberdade das galinhas? E a liberdade dos pássaros está nas gaiolas?

Precisamos dar liberdade a todos os animais. E etc., etc.

Muito aplaudida, despediu-se para ir pregar em outra freguesia. Os que ficaram, logo puseram em prática a reforma proposta pela rapôsa. Em sinal de revolta, as galinhas não

foram àquela noite dormir nos galinheiros, e muitas gaiolas foram abertas a bicadas para dar liberdade aos pássaros presos.

Na manhã seguinte, o quadro era diverso. Havia falta de alguns pintos.

— Naturalmente, desacostumados com a liberdade, perderam-se pelos caminhos. Mas retornarão. — Alegou o pato.

No outro dia, pela manhã, a falta era ainda maior, e os perdidos não retornavam. As galinhas ficaram alarmadas.

E fala daqui e fala dali, resolveram consultar o Cão.

— Qual é a sua opinião, sr. Cão?

— A minha opinião, sôbre o quê?

— Sôbre a liberdade... Estamos aflitas. Muitos de nossos filhotes desapareceram...

— Mas quem vos pregou a liberdade?

— Foi a rapôsa, — alegaram tôdas a uma.

— A rapôsa?... Gente dos galinheiros, ouvi: a liberdade é um grande bem, mas é preciso estar preparado para ela. Como é que galinhas e filhotes de passarinhos querem ser livres, se não sabem garantir a liberdade. E, depois, como obterão os seus benefícios, quando a rapôsa anda à solta?

A POMBA E A CORUJA

— Comadre coruja... que desgraça me aconteceu! — Exclamava chorosa a pomba —. Nem calcula. Meu mal não tem remédio. Imagine... o meu companheiro me abandonou. Eu que lhe fui tão fiel, tão amiga... e vivíamos tão juntinhos. E depois falam da fidelidade dos pombos... É mentira, comadre coruja. Uma pombinha serigaita, que passou por aí, virou-lhe a cabeça, e êle bateu azas com ela...

— Mas, não me diga!...

— Uma desgraça, comadre. Uma desgraça!

— Tenha paciência, dona Pomba. Sei que é doloroso — dizia a coruja — sei, mas que se há de fazer. No mundo dos bichos é assim. A senhora deve conformar-se...

— Mas como conformar-me, comadre?!...

— O tempo, minha filha, o tempo é um grande remédio. Há outros pombos no mundo. Ainda é jovem, ainda poderá ser feliz. Tudo isso passa. Suas lágrimas de hoje ainda tornar-se-ão em riso. É preciso conformar-se.

E a pomba inconformada, acabou um dia conformando-se, porque o tempo passou, e a memória do pombo já não lhe arrancava mais lágrimas.

Estava um dia, satisfeita no seu pombal, quando a coruja apareceu. Vinha tôda lacrimosa. Chorava desesperadamente:

— Comadre pomba. Uma desgraça sem igual. Horrível. Aquêle corujão patife, me deixou... Viu uma corujinha, e se foi com ela. Sou uma infeliz, comadre pomba, uma desgraçada. Mil vêzes morrer do que sofrer assim!

— Coragem, comadre coruja, coragem! Isso acontece, não uma vez, mas muitas. Precisa conformar-se com a sua desgraça.

— Não há conformação possível! É uma desgraça imensa! Que desapareça o mundo, não posso suportar a minha dor.

— Mas comadre, seja forte. A vida é assim. Lembre-se, comadre, quando me aconteceu o mesmo. Quais foram os seus conselhos? Chegou agora a vez da senhora mostrar-se forte. Que diabo, seja corajosa!

— Não, não posso... não há desgraça como a minha.

Um rouxinol, que assistiu a primeira cena e a segunda, comentou de si para consigo: "É sempre assim. Sempre dói menos e é mais fácil resolver o sofrimento... dos outros."

AS GALINHAS E O FRANGO

Quando no galinheiro os frangos começaram a experimentar as asas, a tentar alçar vôos, caindo aqui, caindo ali, indo de encontro às grades, as galinhas, no canto, desdenhosas, diziam:

— Êsses frangotes... Já pensam em voar!

E uma delas acrescentou:

— Uns idiotas! Pois não conheci êsses fedelhos, comadres, quando estavam no ovo? Fui eu que os choquei, sim senhora, debaixo destas asas.

OPINIÃO

Numa roda de indígenas, o primeiro disse:

— Pensamos com a garganta...

— Qual nada! Pensamos com a barriga.

— Não! — interrompeu o terceiro — Pensamos com o coração.

— Não concordo com vocês — alegou o quarto — Pensamos com a cabeça .

Os três primeiros não se contiveram, e riram desabridamente da opinião do quarto.

A COBRA, A LESMA E O LAGARTO

A cobra, a lesma e o lagarto estavam tomando sol.

— Nada melhor que o calor, não é, compadre lagarto?

— E também nada melhor que estar enfurnado na terra. Você não acha, dona cobra?

— Também julgo assim. Às vêzes fico pensando que animais mais estúpidos são as aves por terem asas e voar. Pode haver passatempo mais imbecil?

— Para mim não há, arrematou a lesma. E palavra que estou bem orgulhosa de não ter asas.

O ECO

Por entre os montes pensava o eco:

— Que tristeza a minha vida! Quando o leão urra, eu urro, quando a cabra bale, eu balo, quando o burro zurra, eu zurro. Por que não me é dado criar nada de original? Por que não posso, quando zurrar o burro, responder-lhe com um urro de leão, que o fará correr de mêdo o dia inteiro?

Um deus, ao ouvir as lamentações pensativas do eco, disse-lhe:

— Lamentas-te sem razão! Em ser leão é a virtude do leão; em ser burro é a virtude do burro; em ser

homem é a virtude do homem. Não serias mais tu mesmo quando fôsses original; porque, aprende, a virtude dos ecos consiste apenas em repetir.

A RAPÔSA E AS UVAS

— Não... não faço o bem, para que Deus não pense que me interesso pelo céu!...

A NOITE, O DIA E A TERRA

No silêncio sideral irrompeu a polêmica entre o Dia e a Noite. A Terra, colocada entre ambos, rodava como entontecida.

E alegava o Dia:

— Quer comparar-se comigo? Quem dá luz à terra, quem lhe dá calor, quem a alivia dos frios de você? Quem auxilia as plantas a nascer, quem gera os ventos?... Ora, nem preciso dizer mais nada. Não há comparação entre nós!

A Noite retrucava:

— Você pensa que a sua luz vale mais que as minhas sombras. Se não fôsse eu, quem daria aos ho-

mens os sonhos, as horas de descanso, o sossêgo.

Eu dou a fantasia, o silêncio das noites enluaradas; velo pelo sono de tôdas as coisas, e silenciosamente auxílio a germinar as plantas, e poiso de leve o bálsamo do meu orvalho que tanto as alimenta.

Mas a Terra não se conteve, interrompeu-as, e disse:

— Perdão! O interessado aquí sou eu. Se sòmente houvesse o Dia, secariam as minhas fontes, as minhas plantas, e a vida desapareceria de sôbre mim. Mas também se houvesse apenas a Noite, tudo estaria coberto de neve, tudo morreria de frio, e eu seria um pobre planeta gelado a percorrer tristemente os espaços. Compreendam, preciso de ambos. O valor do Dia está em seu contrário, a Noite.O valor da Noite, em seu contrário, o Dia. Vós ambos

valeis porque juntos; separados me prejudicaríeis. A vossa maior virtude está na vossa oposição. É por isso que sàbiamente eu rodo entre ambas.

O BURRO-REI

Resolveram os animais elevar até ao trono o Burro.

Dizia a Gazela:

— Muitos de nós não compreendem nosso irmão Burro. Como êle é simples e pacífico, e vive nos prados tranqüilamente a pastar, julgam-no incapaz de ascender à alta magistratura dos animais, cargo no qual se perpetuou nosso nobre e feroz Leão. Vereis, quando fôr coroado, que saberá êle levar o nosso povo aos seus mais altos destinos.

Veio a coroação. E Sua Magestade o Burro subiu ao trono para governar os animais. Na verdade, a

sua postura era impressionante, parecia um verdadeiro monarca. Resolveu êle fazer à sua primeira fala aos povos, e zurrou e zurrou de tal modo, que entonteceu a todos os ouvintes. Vestido com o manto dos monarcas e com a corôa suprema na cabeça, o Burro mereceu da rapôsa esta apreciação:

— É la, no trono, a mesma coisa que era nos prados. Pensásteis, animais, que bastaria investi-lo do alto cargo e dar-lhe uma coroa de rei para que realmente reinasse. Êle apenasmente zurrou... e apenasmente zurrará...

*

Composto e impresso
na
EMPRÊSA GRÁFICA CARIOCA S. A.
à
Rua Brigadeiro Galvão, 225 - 235
em outubro de 1958
São Paulo

*